

REGICELI BENTO DE ALMEIDA FARIZATO

**UMA EXPERIÊNCIA DE CIBEREDUCAÇÃO PARA O
LETRAMENTO DIGITAL**

**ASSIS
2015**

REGICELI BENTO DE ALMEIDA FARIZATO

**UMA EXPERIÊNCIA DE CIBEREDUCAÇÃO PARA O
LETRAMENTO DIGITAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e letramentos)

Orientadora: Dra. Maria do Rosário Gomes Lima da Silva

**ASSIS
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

F228c Farizato, Regiceli Bento de Almeida
Uma Experiência de Cibereducação para o Letramento digital /
Regiceli Bento de Almeida Farizato.- Assis, 2015.
100 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr^a Maria do Rosário Gomes Lima da Silva

1. Letramento. 2. Redes sociais. 3. Tecnologia educacional. 4.
Multiletramentos digitais. I. Título.

CDD 371.39445

*Aos meus filhos Igor e Maria Eduarda,
razões de sentimentos inexplicáveis.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de toda a vida, dono da sabedoria, por sua infinita graça. Sem a Sua presença, nada seria possível.

À minha família, pela dedicação, confiança e apoio incondicional. Especialmente meus pais, minha irmã, meu irmão (*in memoriam*) e minha sobrinha, por participarem de minha vida diária. E a minha mãe que em seus “causos” me trilhou no caminho das letras.

À Maria Eduarda e ao Igor, meus filhos, por compreenderem minha ausência.

Ao meu querido Ricardo, companheiro e incentivador. Só sei sentir que posso com ele contar e oferecer o mesmo.

À minha orientadora, Dra. Maria do Rosário Gomes Lima da Silva, pelo apoio, pela confiança, pelos conselhos, por ser acessível, competente e compreensiva.

Aos amigos e professores do Mestrado ProfLetras Unesp Assis/Araraquara, Adriana, Ana Beatriz, Carla, Cláudio, Eloíza, José Carlos, José Paulo, Juliana, Marjorie, Mirian, Queila, Rosenes, Silmara e Sílvia, pela partilha de vivências que jamais serão esquecidas e por toda a amizade que me proporcionam.

À amiga de viagem, Silvia, que com sua presença tornava a distância entre o “Lar” e Assis menos cansativa e mais animada. Viagem que percorremos no “divã” de quatro rodas compartilhando experiências, angústias, alegrias e sonhos.

Aos alunos que participaram dessa pesquisa, por me inspirarem e me ajudarem a refletir e construir significados.

Ao excelente Corpo Docente – ProfLetras – UNESP Araraquara/Assis que permitiu expandir meus conhecimentos.

À Dra. Daniela Nogueira de Moraes Garcia, agradeço as preciosas sugestões e contribuições durante a participação no Exame de Qualificação, que me ajudaram no curso de minha pesquisa. Agradeço, também, por aceitar compor a Banca de Defesa.

À Dra. Telma de Souza Garcia Grande, por fazer parte da Banca de Defesa.

À Equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação – UNESP - Assis pelo pronto atendimento, pela solução de dúvidas e problemas, sempre de maneira solícita e competente.

À agência CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual a dedicação a esse trabalho seria muito difícil.

*“Os analfabetos do século XXI não serão os que não souberem ler ou escrever,
mas os que não souberem aprender, desaprender, e reaprender.”*
Alvin Toffler

FARIZATO, Regiceli Bento de Almeida. **Uma Experiência de Cibereducação para o Letramento Digital**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

Este trabalho visa apresentar as potencialidades do uso das redes sociais, especificamente o *Facebook*, como recurso didático-pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa para promoção de habilidades da leitura e da escrita por meio do acesso e produção de gêneros textuais/digitais que permeiam esse espaço virtual. Inicialmente, realizou-se uma investigação sobre tecnologias na educação, tomando-se por base teóricos e especialistas no assunto, com o objetivo de promover uma reflexão sobre o uso pedagógico das redes sociais na educação. As atividades foram desenvolvidas com alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental, de uma escola estadual no interior do estado de São Paulo, considerando a importância de se adquirir, na sociedade contemporânea, conhecimentos e habilidades para participação em práticas sociais em ambientes digitais. Nesse contexto, a proposta foi verificar o desenvolvimento do letramento digital, considerando-se que são internautas ainda em formação escolar e dominam as tecnologias atuais que estão incorporadas no seu cotidiano. Cabe mencionar que várias pesquisas realizadas no campo da educação apontam para as dificuldades relacionadas à deficiência da leitura, da escrita, que abrangem uma parcela significativa destes alunos. No entanto, acredita-se que nunca se leu e se escreveu tanto como nos dias atuais graças à repercussão dos espaços digitais, é inegável a necessidade da utilização dos meios tecnológicos no ambiente escolar. Assim, por meio do uso de tecnologia na educação, pretende-se contribuir na formação desses jovens enquanto cidadãos, e também na construção de novos conhecimentos e, conseqüentemente, na ampliação dos horizontes visando à formação de estudantes multiletrados.

Palavras-chave: Letramento. Redes sociais. Tecnologia educacional. Multiletramentos digitais.

FARIZATO, Regiceli Bento de Almeida. **A Cybereducation experience for digital literacy**. 2015. 100 p. Dissertation (Master's degree in Arts) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the possibilities of using social media, *Facebook*, to be more specific, as a pedagogical and didactic tool in Portuguese language classes for the 9th grade to develop reading and writing skills by reading and writing different text/digital genres that are found in this media. In order to do so, firstly we researched about Educational technologies by surveying and reflecting about the pedagogical uses of social media. Activities were developed with 9th grade students in a state school inland São Paulo state who are native computer users dealing well with technology, but still in formal education and need to take part in social practices. Several researches in Education point out that there are difficulties towards reading and writing with basic education students. However thanks to digital spaces, students have never read and written so much. So, we cannot deny the need of using technology in schooling. By using it, we intend to help students to become citizens, to build new knowledge and hence, to broad horizons by forming multi literate students.

Keywords: Literacy. Social medias. Educational technology. Digital multiliteracies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo de Estímulo e Resposta	19
Figura 2 - Tela de Início da Rede Social <i>Facebook</i>	45
Figura 3 - Botão “Curtir”	46
Figura 4 - Botão “Compartilhar” e “Comentar”	47
Figura 5 - Botão “Cutucar”	48
Figura 6 - Criação do grupo secreto e seleção dos membros para participar do grupo	59
Figura 7 - Postagem da capa do grupo	60
Figura 8 - Postagem de boas vindas no grupo do <i>Facebook</i>	60
Figura 9 - Vídeo LivroClip de <i>Dom Casmurro</i>	61
Figura 10 - Imagem Evolução Tecnológica e Humana	62
Figura 11 - Vídeo da canção “Capitu” de Luiz Tatit	63
Figura 12 - Vídeo Carregando as Baterias	64
Figura 13 - Vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade ...	65
Figura 14 - Postagem de boas vindas no grupo do <i>Facebook</i>	66
Figura 15 - Vídeo LivroClip de <i>Dom Casmurro</i>	68
Figura 16 - Conversas e Comentários no Grupo	69
Figura 17 - Conversas e Comentários no Grupo	70
Figura 18 - Conversas e Comentários no Grupo	71
Figura 19 - Conversas e Comentários no Grupo	72
Figura 20 - Imagem Evolução Tecnológica e Humana	73
Figura 21 - Conversas e Comentários no Grupo	74
Figura 22 - Conversas e Comentários no Grupo	74
Figura 23 - Vídeo da canção “Capitu” de Luiz Tatit	75
Figura 24 - Vídeo Carregando as Baterias	76
Figura 25 - Conversas e Comentários no Grupo	77
Figura 26 - Conversas e Comentários no Grupo	78

Figura 27 - Conversas e Comentários no Grupo	79
Figura 28 - Conversas e Comentários no Grupo	80
Figura 29 - Vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade ...	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ordem Cronológica das gerações	33
Gráfico 2 - Redes Sociais mais Utilizadas no Brasil	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teoria Geracional - Geração Baby Boomers	33
Quadro 2 - Teoria Geracional - Geração X	34
Quadro 3 - Teoria Geracional - Geração Y	34
Quadro 4 - Teoria Geracional - Geração W	35
Quadro 5 - Teoria Geracional – Geração Z	35
Quadro 6 - Teoria Geracional - Geração Alfa	35
Quadro 7 - Sete Maneiras Como Educadores Podem Usar o <i>Facebook</i>	50
Quadro 8 - Opções de Privacidade para grupos no <i>Facebook</i>	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAP - Avaliação de Aprendizagem em Processo
- FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação
- PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
- SARESP - Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
- Secom - Secretária de Comunicação Social da Presidência da República
- TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	18
1.1	A Educação no Século XXI	18
1.2	Internet: Educação e Ciberespaço	23
1.3	A Escola e a Geração Digital	29
1.4	(Multi)letramentos, Novas Aprendizagens	37
2	FACEBOOK: A REDE SOCIAL	44
2.1	Os Recursos do Facebook	45
2.2	A expansão do Facebook	48
2.3	Facebook e Educação	49
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	52
3.1	Procedimentos Metodológicos	52
3.1.1	Estudo de caso	53
3.1.2	Linguística Aplicada	54
3.2	O Cenário e os Protagonistas da Pesquisa	56
3.3	Etapas das Atividades na Rede	57
3.4	Procedimentos de Coleta dos Dados	65
3.4.1	Aplicação das atividades	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE A - Autorização e existência de infraestrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa	90
	APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	91
	APÊNDICE C - Termo de assentimento	93
	APÊNDICE D - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade	95
	ANEXO A - Verbetes multimodalidade	96
	ANEXO B - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade (Aluno I)	98
	ANEXO C - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade (Aluno II)	99
	ANEXO D - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade (Aluno III)	100

INTRODUÇÃO

A sociedade do século XXI é caracterizada como sociedade do conhecimento ou da informação em virtude do uso intensivo de ambos nas diversas situações, seja para trabalhar, seja para conviver e exercer a cidadania. Vivemos numa civilização na qual todo cidadão, independente do grau de escolaridade ou posição social, está inserido numa cultura letrada; e a competência de ler e de escrever é parte integrante da vida das pessoas e está diretamente associada ao exercício da cidadania.

As práticas de leitura e escrita, segundo as pesquisas realizadas na área da educação, têm impacto sobre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. De fato, leitura e escrita são duas práticas interligadas e que, portanto, quanto maior for a qualidade da primeira, melhor será a segunda. Estas práticas possibilitam o desenvolvimento da consciência do mundo vivido propiciando aos sujeitos sociais a autonomia na aprendizagem e a contínua transformação, inclusive das relações pessoais e sociais. Nesse sentido, Paulo Freire (1986, p. 11) afirma que ler “não se esgota na descodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Para o educador, o ato de ler é um movimento de interação entre o sujeito e os objetos que o circundam. Esta ação é definida por Freire (1986, p. 9) como um:

[...] processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A difusão das tecnologias no cotidiano e o uso da Internet, que atualmente abrangem várias camadas sociais em razão das facilidades de acesso, sobretudo no que diz respeito às redes sociais, determinaram mudanças significativas nas relações interpessoais. Os jovens do século XXI são os maiores atingidos, pois deram seus primeiros passos já envolvidos por diferentes recursos tecnológicos, o que lhes oportunizou uma participação ativa no espaço virtual, tornando-os nativos da linguagem digital.

Considerando esse cenário atual, surge à reflexão sobre a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como ferramentas incentivadoras do processo de ensino e aprendizagem que se ampliou nos últimos tempos. Porém, observa-se que os profissionais da educação ainda têm muitas dúvidas e alguns apresentam muita dificuldade em utilizá-las. Por isso, a educação básica enfrenta um período de mudanças significativas não somente de metodologias e estratégias, como também de paradigmas. Portanto, admite-se, a utilização das TICs como uma excelente ferramenta mediadora.

Percebemos o grande envolvimento e habilidade que crianças e jovens têm com as tecnologias, especialmente com as redes sociais, entre as quais destaca-se o *Facebook*, por ser a mais utilizada atualmente pelo público brasileiro.

Conforme pesquisa sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, realizada pela Secretária de Comunicação Social da Presidência da República (Secom):

[...] Entre as redes sociais e os programas de trocas de mensagens instantâneas mais usadas (1º + 2º + 3º lugares), estão o *Facebook* (83%), o *Whatsapp* (58%), o *Youtube* (17%), o *Instagram* (12%) e o *Google+* (8%). O *Twitter*, popular entre as elites políticas e formadores de opinião, foi mencionado apenas por 5% dos entrevistados. (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2015, p. 50).

Com base nas constatações anteriormente mencionadas referentes aos jovens do século XXI, a difusão das TICs, o uso da Internet no cotidiano e nas experiências vivenciadas pela pesquisadora Regiceli Bento de Almeida Farizato em salas de aula, surgiu, então, a hipótese: “É possível utilizar no cenário educacional a rede social *Facebook* como uma ferramenta de ensino nas aulas de Língua Portuguesa?”. Neste contexto, pretendemos refletir sobre os multiletramentos de jovens das gerações Y e Z, no tocante às habilidades de leitura e de escrita em redes sociais, mais especificamente no *Facebook*.

A busca por um método que consiga levar os alunos das gerações Y e Z a ter maior empenho nos conteúdos desenvolvidos é a grande demanda na educação. Com base no pressuposto de que, se uma aula fosse planejada utilizando as tecnologias com os alunos, haveria maior identificação e eles ampliariam as habilidades de leitura e de escrita com mais facilidade e também os

multiletramentos. Então, planejamos aulas mais atraentes a fim de que eles participassem ativamente por meio do *Facebook*, com leitura, escrita, diálogos e discussões no ambiente virtual, sendo desafiados a desenvolver suas habilidades durante a realização dos exercícios.

O fato da “sala de aula” ser em um ambiente virtual, ao qual os alunos estão familiarizados no seu dia a dia, leva-os a se empenhar e se sentir mais motivados em aprender. Precisamos relacionar os modelos de ensinar com o cotidiano dos alunos gerações Y e Z, pois presenciamos uma era em que despertar a atenção do aluno é tão relevante quanto realmente ensiná-lo. Uma vez que a tecnologia avançou bruscamente, em poucos anos tivemos uma modificação na existência de aparatos tecnológicos cada vez mais atrativos e que se tornaram essenciais. Foram menos de 35 anos do primeiro computador da *Apple*, mais parecido com uma máquina de escrever e de madeira até o *tablet*.

No entanto, a escola continua sendo uma instituição sem instigação, ainda que a realidade dos estudantes seja diferente. A maioria dos alunos tem acesso a várias tecnologias em seus lares – televisão, computador, *tablet*, celular, vídeo games –, e uma grande parte dos professores ainda está atrelada ao passado com quadro negro, giz, xerox de exercícios tirados de livros didáticos e outros recursos obsoletos diante da nova realidade do educando.

Para atenuar esta situação, podemos apresentar aos alunos aulas mais significativas. Precisamos nos aproveitar dos conhecimentos prévios e do contexto no qual o aluno está submetido e tornar essa vivência mais próxima das metodologias de ensino, assim o que se ensina nas escolas terá êxito.

Tal constatação justifica a escolha do tema deste trabalho, com o intuito de responder à indagação de que o professor precisa urgentemente modificar seus métodos de ensino, encontrando novos caminhos que aproximem mais as formas de ensinar com a vivência dos alunos e, para tanto, criamos no *Facebook* o grupo “secreto” denominado Interligados.

Para a concretização desta ideia, inicialmente, foi realizada uma pesquisa diagnóstica, que consistiu em observar sobre a posse e uso do computador, de celular, da Internet e das redes sociais pelos sujeitos envolvidos.

Com base nos dados levantados, apresentamos a proposta de trabalho e enviamos o pedido de autorização aos responsáveis pelos alunos para que os

mesmos pudessem participar das atividades. Com a documentação em mãos, propusemos a criação de um grupo secreto na rede social *Facebook* e de perfis aos alunos que ainda não possuíam, procedemos, ainda, à exploração do ambiente e dos recursos que o mesmo oferece.

Na sequência da pesquisa, as atividades propostas, sempre relacionadas a assuntos do currículo escolar, envolvendo leitura, escrita, letramento digital, multiletramentos dos alunos, predominaram pelo empenho e colaboração entre alunos e professora, uma vez que, para obter respostas adequadas às atividades propostas, torna-se necessário o comprometimento de todos os envolvidos.

A organização desta pesquisa foi estruturada por meio de capítulos. No primeiro capítulo, tratamos do embasamento teórico, no qual refletimos sobre o conceito de Sociedade no Século XXI, o uso da Internet na Educação, também abordamos sobre a Teoria Geracional e os (Multi)letramentos.

No segundo capítulo, apresentamos a Rede Social Facebook, desde sua criação, os recursos disponíveis e a sua ascensão mundial, chegando e adentrando os portões da escola.

No terceiro capítulo, apresentamos a Metodologia de Pesquisa, a saber: os Procedimentos Metodológicos, as Etapas da Pesquisa e os Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Nesta seção, apresentamos o embasamento teórico, em especial alguns conceitos que serão utilizados nas análises posteriores.

1.1 A Educação no Século XXI

O período em que vivemos é intitulado de Sociedade do Conhecimento. De acordo com Schaff (1991) e Morin (2000), que abrange o período do pós-guerra, da segunda metade do século XX até os dias atuais. Este tipo de sociedade ficou mais forte e evidente a partir do último quarto do século XX.

Santos (1990) cita quatro fatores que melhor caracterizam a sociedade do conhecimento. Primeiro: vivemos em um mundo pós-industrial, que se estabelece na experiência organizacional, nos grupos de especialistas, no investimento em tecnologia de ponta, na produção modular, na produção de serviços e na formação e transmissão da informação. O segundo motivo é que estamos na Era da Informação. Informação essa que, quando convertida em conhecimento, torna-se a grande riqueza da humanidade nesse período. O terceiro é que a agilidade do desenvolvimento tecnológico está transformando as relações interpessoais. Por fim, a globalização, que transcendeu as barreiras geográficas e facilitou mudanças na forma de produzir bens e serviços, por exemplo, uma empresa que trabalha com inúmeros fornecedores, de diversas partes do mundo. As novas formas de gestão industrial e a melhoria na logística são decorrentes da evolução das tecnologias de comunicação.

As novas tecnologias de comunicação originaram novos espaços para a aprendizagem. Além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o social tornaram-se educativos. Atualmente, mais pessoas estudam em casa, em razão das facilidades de acesso às informações, pois temos vários bancos de dados, distribuídos pelo planeta (CASTELLS, 2003). No entanto, a escola continua com seu papel social fundamental, porque é um espaço de produção cultural, embora seja tratada como lugar de aquisição de cultura, num contexto no qual a educação é vista como produto de consumo (MORAN, 2000).

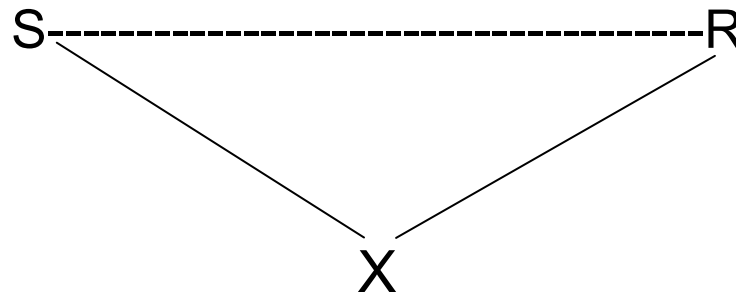
Os termos escola e cultura estão ligados, pois ambos são intermediados pelo ser humano (MORAN, 2000). Segundo Oliveira (1997, p. 94), “a escola é uma instituição social onde o conhecimento é objeto principal” e a mediação realiza a

atividade de construção do conhecimento. Para Moran (2000, p. 13), torna-se um “processo social mediado e inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis, mas também é um processo profundamente pessoal”. Segundo Oliveira (1997, p. 26) mediação, “em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” Para Oliveira (1997), o conceito de mediação está baseado no conceito adotado por Vygotsky (1998) após análise sobre o funcionamento psicológico da mente.

Para Masetto (2000, p. 135), “a produção cultural que ocorre na escola ocorre sempre mediada”, pelo professor em sala de aula, pelo livro em uma leitura pessoal e silenciosa, pelo computador quando se realiza uma pesquisa na Internet na Sala de Informática.

O processo de estímulo-resposta é simples, porém, substituído por um ato complexo, interposto, que está representado pela forma abaixo.

Figura 1 - Processo de Estímulo e Resposta



S = Estímulo, R = Resposta e X = Elo

Fonte: Vygotsky (1998, p. 63).

Observamos, na Figura 1, que o impulso direto para reagir é impedido e é adicionado um estímulo auxiliar que contribui ao acréscimo da operação por meios indiretos. Vygotsky (1998) trabalha com a concepção de que a relação do ser humano com o meio não é uma relação direta, mas uma relação mediada. Para Vygotsky (1998), ocorrem dois tipos de elementos mediadores: os signos e os instrumentos. O instrumento é o elemento mediador entre o sujeito e o ambiente e permite a ampliação de transformação da natureza. O outro elemento mediador – o signo – age como um instrumento da atividade psicológica de maneira semelhante ao papel de um instrumento de trabalho. Para Vygotsky (1998), pela mediação do

outro, ocorre um processo intensivo de interações com o meio social, por meio do qual o indivíduo apropria-se dos objetos culturais. Esse complexo processo caracteriza o desenvolvimento humano.

Sabe-se que, entre os vários papéis que a escola possui está o papel cultural de ampliar a produção de signos (linguagens) e usos de diversos instrumentos com o foco na mediação do processo de ensino-aprendizagem do discente e no convívio entre alunos, professores e toda a comunidade escolar.

Segundo Oliveira (1997, p. 78), “a relação do aluno com o mundo é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social escolar”. Por isso, a escola deve estar integrada com o universo no qual o aluno está inserido, “respeitando os saberes dos educandos” (FREIRE, 2006a, p. 30).

Conforme Demo (2006, p. 12), a escola “é um dos lugares destinados à formação do indivíduo e à sua integração em uma comunidade de iguais”. É por meio dela que o homem pode transcender seus laços familiares, étnicos ou sociais e conceber um sentimento relativo de pertencer a uma entidade maior chamada pátria.

Do mesmo modo que a escola, a educação, para Semprini (1999, p. 45), “tem igualmente a missão de conduzir a pessoa ao pleno amadurecimento de suas capacidades”. Por esta razão e pelo fato da individualidade de cada um, a escola é um ponto central, por eminência, de hibridismo cultural, ou seja, ela agrega vários hábitos, costumes e crenças individuais dentro de um mesmo ambiente físico. Da mesma forma, Semprini (1999, p. 46) considera a escola uma instância libertadora do indivíduo, porque “após tê-lo liberado dos laços sociais, ela liberta sua mente e o transforma num homem livre e responsável”.

Semprini (1999, p. 47) explica, ainda, que o hibridismo cultural é “resultante de um contínuo processo de transculturação, e a identidade híbrida derivada não é mais nenhuma das identidades originais, embora guarde traços das culturas que a originaram”.

Na visão de Canclini (2006), o conceito de hibridismo cultural se dá na ausência das relações de poder e dominação. A antiga imposição de formas de vida e de produção cultural é substituída pela forma da renegociação. Os intercâmbios e os contatos possibilitados pela globalização são “progressistas e saudáveis” e dão impulso à proliferação de novas culturas.

Para isso, devemos entender o conceito do que é cultura. Tylor (1832-1917), em 1871, citado por Laraia (2004, p. 28), definiu cultura “como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”. Nesta sua primeira definição de cultura, do ponto de vista antropológico, Tylor procurou demonstrar que, para analisar a cultura deve-se propor a realizar um estudo metodológico e sistemático, pois é um fenômeno inerente ao ser humano, possui causas e regularidades.

O processo característico do ser humano que iniciou há mais ou menos quinze milhões de anos consistiu, basicamente, na transição de um ajustamento genético ao meio ambiente para uma adaptação cultural. Essa definição permite afirmar que, por intermédio da cultura, o homem se revela mais prático e versátil em sua adaptação ao meio. Pode-se afirmar que o meio também se adapta ao homem. Segundo Laraia (2004, p.30), “a cultura torna possível a transformação da natureza e do meio ambiente que cerca o ser humano”.

Nessa perspectiva, Cucho (2002, p. 10) reafirma que a percepção de cultura “se revela o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza humana, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura”.

Laraia (2004, p. 45) postula que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Neste sentido, ocorre uma relação entre o conceito de cultura e de educação, ao verificar o amplo processo de acumulação de experiências adquiridas e que são transmitidas de geração em geração.

A análise sobre educação e cultura se inicia nos anos 60, quando estabelece o debate da função de “transmissão cultural da escola” (FORQUIN, 1993, p. 9). A indagação apareceu da fragilidade dos projetos e cursos escolares presentes na época, uma vez que não se compreendia mais o que precisaria ser ensinado nas escolas. A grande incerteza era saber se a escola caminhava para uma visão mais humanística ou mais tecnicista, em consequência do rápido avanço das tecnologias. A crise foi sentida na década seguinte, mediante articulações com as ciências sociais e a conceituação de cultura. Os anos 80 geraram a restauração das aulas, que dificultou a identificação da transmissão cultural da escola. De acordo com Forquin (1993, p. 11), “entretanto, o pensamento pedagógico contemporâneo não

pode se esquivar de uma reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais dos diferentes tipos de escolhas educativas”.

Atualmente, é possível observar que há uma relação orgânica e dialética entre educação e cultura. Segundo Forquin (1993, p. 10):

Quer se tome a palavra „educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de „conteúdo” da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e de contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido, então, a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura. (FORQUIN, 1993, p. 10).

A atribuição de “transmissão cultural” da escola não é efetivada em sua plenitude, pois alguns aspectos da cultura não são reconhecidos. Ocorrem aparências de aquisição informal de aprendizagem, por tantas vezes disfarçadas. Segundo Forquin (1993, p.12), “cultura assim compreendida, como herança coletiva, patrimônio intelectual e espiritual” não se limita apenas “dentro das fronteiras das nações ou dos limites das comunidades particulares” (FORQUIN, 1993, p.12).

O discurso sobre educação e cultura sempre nos reporta à ideia de que pôr em prática a educação seria a causa da transferência e conservação da vivência humana. Realmente, tudo o que um indivíduo possa viver, pensar, produzir durante sua existência, desde o início do desenvolvimento de humanização e aculturação, está associado ao processo educativo. A conexão não é derradeira e ocorre uma simbiose entre os vocábulos escola e cultura. Conforme Forquin (1993, p. 14):

Neste sentido pode-se dizer perfeitamente que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçando de uma „tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a educação „realiza” a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana. Isto significa que, neste primeiro nível muito geral e global de determinação, educação e cultura aparecem como duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra.

Seguindo esta linha de reflexão, a escola busca a integração e a articulação com o processo ensino-aprendizagem, se contrastando com os espaços novos de formação produzidos pela sociedade que faz o uso intensivo da informação e das novas tecnologias. Conforme Forquin (1993, p. 14), a escola “deixa de ser lecionadora, para gerir a informação generalizada, construir e reconstruir saberes e conhecimentos socialmente significativos”. Dessa maneira, a escola tem a atribuição de promover a cultura com a perspectiva de agregar pessoas, movimentos, organizações e instituições.

Na sociedade do conhecimento, a função social da escola foi estendida consideravelmente. Segundo Gadotti (1993, p. 17), a escola “se faz presente na cidade, criando novos conhecimentos e relações sociais e humanas, sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade de forma científica e transformadora”.

A sociedade contemporânea, com o uso das novas tecnologias, contempla as novas linguagens, como a informática e a Internet. Essas novas linguagens, somadas e associadas dentro do contexto social, resultantes do uso das tecnologias, geram um novo tipo de cultura. Cultura que aumenta gradativamente seu poder de influência dentro da sociedade. A escola, integralizada à sociedade, possivelmente não ficará inatingível a essa nova cultura.

1.2 Internet: Educação e Ciberespaço

Quando o assunto é Internet pensa-se logo em diversão, passatempo, lazer e na infinidade de ocupações disponíveis pela mesma, que também possibilita a comunicação entre diversas pessoas e lugares em tempo real. Neste novo século, a quantidade de informação cresce ao mesmo ritmo que as pessoas se conectam, segundo estudo da empresa Cisco¹ (ESTUDO..., 2015):

Estudo da Cisco prevê que quase metade da população mundial estará conectada à Internet até 2017.

Cisco Visual Networking Index aponta que o Brasil estará acima da média mundial, com 52% de pessoas conectadas à internet em 2017. Já o tráfego IP global deve triplicar de 2012 a 2017.

¹ A Cisco Systems é uma companhia multinacional estadunidense sediada em San José, Califórnia, Estados Unidos da América. A atividade principal da Cisco é o oferecimento de soluções para redes e comunicações seja na fabricação e venda (destacando-se fortemente no mercado de roteadores e switches) seja na prestação de serviços por meio de suas subsidiárias Linksys, WebEx, IronPort e Scientific Atlanta.

SÃO PAULO, BRASIL – (Marketwired - Jun 17, 2013) - O Cisco® Visual Networking Index (VNI), divulgado mundialmente hoje, prevê que o tráfego global do protocolo de Internet (IP) triplicará entre 2012 e 2017. O tráfego IP global (fixo e móvel) deverá atingir uma taxa anual de 1,4 zettabytes – mais de um trilhão de gigabytes por ano – até 2017, chegando a aproximadamente 121 exabytes por mês até 2017, contra cerca de 44 exabytes por mês em 2012 (121 exabytes equivalem a 30 bilhões de DVDs, ou 28 trilhões de MP3; ou 750 quatrilhões de mensagens de texto). O estudo atualizado inclui o crescimento do tráfego IP fixo global e as tendências de adoção de serviços, complementando o VNI Global Mobile Data Traffic Forecast lançado no início deste ano.

Em virtude do crescimento acelerado, ocorre também a demanda com novas abordagens e competências para aproveitar toda potencialidade disponível pela rede mundial de computadores.

Vivemos em uma sociedade que dispõe de grande fonte de informação que poderá se tornar conhecimento. Albert Einstein antecipou essa situação em uma entrevista nos anos 50, na qual comunicava ser a bomba das telecomunicações, uma das três bombas relatadas por ele, que iria explodir em pleno século XX. Lévy (2010a) recorda que Roy Ascott² intitula a „bomba das telecomunicações“ de “segundo dilúvio” ou “dilúvio informacional”, uma menção ao primeiro dilúvio bíblico, onde de maneira metafórica determina o “segundo dilúvio” tal como o das telecomunicações, que estende de maneira caótica a quantidade de dados e informações disponíveis atualmente.

Essa inundação de dados de forma desordenada causa este dilúvio, no entanto, não poderemos recorrer à Arca de Noé³, como no primeiro dilúvio e esperar as águas baixarem, pois “O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar” (LÉVY, 2010a, p. 15).

Segundo Lévy (2010a), ao contrário do procedimento de salvamento de Noé, que permitiu afogar tudo aquilo que não pode deter, o novo dilúvio preserva a todos. Para o filósofo francês, ao mesmo tempo que no dilúvio bíblico a arca de Noé representa uma “totalidade reconstituída”, isto é, fechada, exclusiva, estanque, totalizante; no dilúvio informacional não há apenas uma arca, mas várias. O que

² Roy Ascott, artista e teórico britânico. Professor de Tecnoética na University of Plymouth, England e Professor Adjunto de Design / Media Arts na University of California Los Angeles.

³ Lévy utiliza a metáfora da arca de Noé para se referir ao que Roy Ascott chama de “segundo dilúvio”, o dilúvio da informação.

Lévy destaca deste novo ambiente, o ciberespaço, é sua capacidade de integrar diferentes vozes, sem que uma prevaleça sob as outras. Cada participante, cada grupo pode ter um papel ativo na rede, pode tornar-se emissor e contribuir para “enchente”.

Ainda segundo Lévy (2010a, p. 17), ao olharmos para fora de nossas Arcas, iremos ver outras Arcas, navegando neste “[...] universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

A sociedade contemporânea tem se deparado com novas formas de se comunicar, por meio das tecnologias da informação, que recebem e exercem influência sobre a economia, política, cultura e educação. Para Castells (1999, p. 99) “[...] a revolução da tecnologia da informação dependeu cultural, histórica e espacialmente de um conjunto de circunstâncias muito específicas cujas características determinaram a sua futura evolução.” Para este autor, o paradigma tecnológico que procura organizar toda esta mudança tecnológica diante de uma interação com a economia e a sociedade apresenta cinco características: i) a informação como matéria-prima; ii) a penetrabilidade dos efeitos da tecnologia em nossas vidas; iii) a lógica das redes, necessária para estruturar o não-estruturado, mantendo a flexibilidade; iv) a flexibilidade, nos processos reversíveis e possibilidades de modificações na estrutura organizacional; e v) a convergência de tecnologias buscando uma integração.

Assim, ainda citando Castells (1999, p. 113)

[...] a dimensão social da revolução da tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade [...] a primeira lei de Kranzberg diz: A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra. „É uma força que provavelmente está, mais do que nunca, sob o atual paradigma tecnológico que penetra no âmago da vida e da mente”.

Lévy (2010a) define essa rede de Ciberespaço⁴ como um meio de comunicação que se constitui da interconexão mundial dos computadores. Estas novas formas de comunicação com suporte nas tecnologias digitais nasceram como um novo espaço de comunicação, socialização, forma de se organizar e realizar

⁴ Indica os meios materiais de comunicação digital, mas, sobretudo o universo de informações e interações humanas.

transações, além de ser um novo mercado do conhecimento e informação, sendo a base do ciberespaço. Local em que as interconexões dos diversos jovens espalhados pelo planeta com o espírito de experimentadores natos e de sua colaboração coletiva e as novas formas de comunicação digitais fazem com que o Ciberespaço continue crescendo e ampliando o mar de informações, contribuindo com o segundo dilúvio de Roy Ascott.

Essa evolução do Ciberespaço cria a Cibercultura, como o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010a, p. 17). Essa Cibercultura é responsável pela forma de criar estes novos espaços, como do surgimento da Internet e de todos os dispositivos que possibilitaram o seu desenvolvimento. Aportando também alguns dos pilares do pragmatismo tecnológico defendido por Castells (1999), em que o não-estruturado da rede seria suficiente para estruturar o que necessita de estruturação e da flexibilidade desta mesma rede, para possibilitar uma convergência das mídias de forma ampla a ponto de fazer parte do nosso cotidiano.

Entre os novos dispositivos desenvolvidos pela Cibercultura, os dispositivos informacionais tratam a informação de modo diferenciado dos antigos dispositivos midiáticos que disponibilizavam a informação em um espaço contínuo, dependendo de como a pessoa buscava (LÉVY, 2010a). Essas informações sofrem constantes modificações, pelos diversos agentes que navegam neste mar de informação e por alguns dispositivos computacionais. Lévy (2010a, p. 65) coloca que “A informação em fluxo designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memória e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com suas instruções [...]”.

Esses dispositivos comunicacionais possibilitam, segundo Lévy (2010a, p. 65), algumas formas de relação entre os que interagem, podendo ser: “[...] um-todos, um-um e todos-todos”. Na relação “um-todos”, encontramos o modelo tradicional da educação bancária de Freire (2006a), em que o professor (um) deposita os conceitos nos alunos (todos). Esse modelo, apesar de dominar por muito tempo o ambiente educacional, vem sendo combatido por pesquisadores e pelas novas práticas educacionais. Já o modelo “um-um” permite uma comunicação restrita, na qual apenas dois agentes interagem eliminando, assim, a possibilidade de uma colaboração na concepção da Cibercultura, em que a informação deve estar

disponível para todos. E, no último modelo de relação entre agentes “todos-todos”, é o que se assemelha aos pressupostos da Cibercultura e de uma interação colaborativa que propicie uma construção coletiva do conhecimento, que Lévy (1999) chama de Inteligência Coletiva. Sendo este espaço “[...] como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (LÉVY, 2010a, p. 126).

A inteligência coletiva tem como fundamento a base social, quando as ideias, as línguas e as tecnologias cognitivas são abstraídas de uma comunidade (LÉVY, 1999). Nessas construções coletivas os *groupwares* têm um papel muito importante, não é mais “cada um na sua” ou “um depois do outro”. Agora é uma criação coletiva, na qual todos criam simultaneamente. Como cada palavra pode trazer diversos significados para cada usuário, para que exista uma construção colaborativa, é preciso que os *groupwares* possam estar reunidos por redes de associações, anotações e comentários, dando o mesmo sentido a cada palavra ou texto apresentado ao grupo (LÉVY, 1999).

Desta forma, o usuário é dependente do grupo para construir sua aprendizagem. Para Lévy (1999, p. 30),

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos.

Porém, para que possam contribuir nesta construção colaborativa do conhecimento, as pessoas necessitam, segundo o referido autor, dominar duas técnicas, a saber:

A primeira é a “caçada”. Procuramos uma informação precisa, que desejamos obter o mais rápido possível. A segunda é a “pilhagem”. Vagamente interessados por um assunto, mas prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, não sabendo exatamente o que procuramos, mas acabando sempre por encontrar alguma coisa, derivamos de site em site, de link em link, recolhendo aqui e ali coisas de nosso interesse. (LÉVY, 2010a, p. 87-88).

No entanto, diante do mar de informações no qual estamos imersos, realizar estas técnicas demanda muito tempo, especialmente quando necessitamos realizar algumas pesquisas que seguem um determinado padrão. Dentro dessa necessidade,

É igualmente possível treinar agentes de softwares especializados, conhecidos como *Knowboots* (“robôs do conhecimento”), para pesquisar periodicamente no ciberespaço informações multimodais interessantes e apresentá-las automaticamente sob forma de “revistas” estruturada interativa ou de hiperdocumentos especialmente compostos para uma pessoa. (LÉVY, 2010a, p. 109).

Utilizar esses dispositivos contribui para a difusão da informação e, uma vez conectados com outros artefatos, esses dispositivos ampliam o poder de troca de informação no modelo „todos-todos”, sendo um artefato ou humano.

Tendo acesso a mais mensagens, por ter contato com diversos artefatos, as comunidades virtuais devem manter a sua moral que é, em geral, a da reciprocidade. Essa reciprocidade das comunidades virtuais é responsável por uma modificação na forma de aprender e colaborar dentro de uma sociedade, em que não são apenas os laços territoriais, as relações institucionais que unem as pessoas, mas o interesse em comum que as une em torno de uma causa, seja ela um simples jogo de entretenimento – o processo educativo que envolve esta comunidade – seja outras atividades colaborativas (LÉVY, 2010a).

Ao supor acerca do futuro da cibercultura e da educação no ciberespaço, Lévy (2010a) coloca que um ponto importante a se observar é a velocidade do surgimento e renovação dos saberes. Eles estão se modificando em uma velocidade tão alta que, provavelmente, o *know-how* adquirido no início de sua carreira profissional estará ultrapassado antes do final dela. Ademais, a relação de trabalho, a troca de conhecimento não para de crescer, sendo cada vez mais importante a produção de conhecimento e a transmissão dos saberes.

Outra averiguação que pode influenciar nessa projeção de futuro é a probabilidade de alteração e expansão das funções cognitivas das pessoas, em que a memória passa a ser digital, por meio dos bancos de dados e diversos artigos digitais; a nossa imaginação percorre por simulações de realidade; a percepção, uma realidade virtual e o raciocínio sendo trocado pela inteligência artificial (LÉVY, 2010a).

As modificações das funções cognitivas produzidas pelo ciberespaço propiciam as novas competências para encontrar e utilizar a informação e, ao mesmo tempo, convertê-la em conhecimento, tanto por meio das simulações como pelas realidades virtuais.

[...] devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. [...] se as pessoas aprendem com suas atividades sociais e profissionais, se a escola e a universidade perdem progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento. (LÉVY, 2010a, p. 160)

O professor, na sala de aula, assume outra postura, em que deve ser o responsável por incentivar os alunos a uma inteligência coletiva e não como a única fonte de conhecimento para ele. Nesse cenário, as escolas e universidades precisam legitimar novas formas de reconhecer os saberes adquiridos na vida social dos alunos, já que eles também aprendem fora deste ambiente (LÉVY, 2010a). O autor defende a necessidade de a escola pensar e repensar, urgentemente, em mudanças, porque professores e alunos precisam estar amparados pelos avanços tecnológicos eminentes e extremamente necessários ao ensino e à aprendizagem, na atualidade.

1.3 A Escola e a Geração Digital

É comum ouvirmos nos corredores das escolas que os alunos de hoje não sabem compreender, interpretar, escrever e que também não lêem; que somente sabem utilizar o celular e ficar conectado nas redes sociais ou navegar na Internet. No entanto, acreditamos que os jovens de hoje leem mais do que os das décadas de 1980 ou 1990, porque quando estão atrás da tela de um computador ou “mexendo” em um celular, também praticam a leitura nos diversos textos que permeiam o mundo digital.

Os alunos de hoje mudaram radicalmente, não são os mesmos para os quais o sistema educacional foi criado. Nossos alunos não mudaram apenas em termos de avanço tecnológico em relação aos do passado, não mudaram simplesmente suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como ocorreu com as gerações anteriores. A chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas

do século XX trouxeram uma descontinuidade também chamada de “singularidade”, ou seja, um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta.

Eles passaram a vida inteira cercados por e utilizando computadores, videogames, reprodutores de música digital, câmeras de vídeo, celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. [...] Jogos de computador, e-mail, Internet, celulares e mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas. (PRENSKY, 2001, p. 1).

O educador e pesquisador Marc Prensky (2001) utilizou o termo “nativos digitais” para denominar os que nasceram a partir da década de 1980, isto é, aquele que nasceu em tempos de Internet e que tem acesso às tecnologias digitais nela disponibilizadas. Ocorre então um impasse, pois, como se definiriam os mais antigos, nascidos em gerações anteriores? Conforme Prensky (2001), são nomeados como “imigrantes digitais”, pois possuem “sotaque” no uso das novas tecnologias, já que foram “socializados” de forma diferente dos jovens, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem.

Os nativos digitais dominam com grande facilidade as TICs, desse modo eles desenvolveram estratégias para se comunicar, cooperar e lidar com a informação, habilidades essas mediadas por todo tipo de tecnologia digital, móvel ou não móvel. A tecnologia é, portanto, totalmente incorporada no seu cotidiano, participando de comunidades virtuais ou “zapeando” pelas informações.

Segundo Recuero (2002), Rheingold foi um dos precursores no uso do termo “comunidade virtual” para os grupos humanos que mantêm relações no ciberespaço, definindo o termo da seguinte maneira:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético. (RHEINGOLD, 1996, apud RECUERO, 2002, p. 6).

Apesar desta definição de comunidade virtual não ser consistente, ela é significativa por destacar o conceito de relações pessoais através do ciberespaço. Para Lévy, “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 1999, p. 127).

Para Prensky (2001), os imigrantes digitais aprenderam a construir conhecimento de forma diferente da geração denominada de “nativos”, e estão num esforço expressivo para conviver com uma população que fala uma linguagem totalmente nova, a linguagem da era digital.

Os professores, segundo Prensky (2001), que atuam na escola e possuem mais de vinte anos de idade são imigrantes no ciberespaço. Ou seja, nasceram em outro meio e aprenderam a construir conhecimento de forma diferente do que esta geração denominada de “nativos” faz. Esse professor foi formado para utilizar a oratória, a caneta e o papel como meios de produzir e consumir conhecimento no seu cotidiano, por isso, vive os dilemas e desafios de um tempo de transição: formou-se na cultura oralista e presencial, acostumado a olhar o outro e interagir no mesmo meio físico de forma síncrona, vive o desafio de tornar agradável a situação de aprendizagem que utiliza as ferramentas digitais.

Esses jovens – “nativos digitais” – atuam numa cultura cibernética global, baseada na multimídia, de modo que eles apresentam um comportamento diferenciado de outros tempos, que os leva a ser rotulados como mais ativos, diretos, impacientes, incontroláveis e indisciplinados. Prensky (2001) discute a necessidade dos professores, imigrantes digitais, reformularem suas metodologias, suas práticas em sala de aula. Educar os Nativos Digitais, segundo Prensky (2001), é uma tarefa difícil, uma vez que se apresenta um desafio de inclusão e ajuste ao sistema educacional, dada a estreita relação com a tecnologia.

Partindo destas considerações, Veen e Vrakking (2009) explicitam suas reflexões sobre o tema atual e polêmico: o papel da escola e da educação em uma sociedade tecnológica.

Sabemos que apenas o reconhecimento de que a tecnologia facilita a vida dos homens não é suficiente, mas sim que a tecnologia é parte indissociável da vida e faz desse homem um ser detentor de mais conhecimento e atualizado. Nessa perspectiva, surge o “*Homo Zappiens*”, ser tecnologizado, cujo cotidiano faz dele alguém renovável e flexível.

Wim Veen e Ben Vrakking (2009) abordam o comportamento das crianças que se apresentam como seres tecnologizados, cuja relação passa a ser com os processos e não mais com os produtos. Desta forma, a rigidez é substituída pela flexibilidade, na qual o cognitivo é delineado pelas tecnologias e suas convergências digitais. Os discentes dos dias atuais agem de forma dispersa ao olhar dos

educadores e, na verdade, são *multifuncionais*, pois observam e se apropriam de forma rápida de diferentes recursos tecnológicos, tais como o celular, as redes sociais, a televisão, o rádio, entre outros.

Nessa perspectiva, a geração tecnologizada é uma geração de rede, digital, instantânea e, entre tantas outras denominações, a *cibergeração*. Por meio de um *click*, os *Homo Zappiens* acessam e navegam instantaneamente sem fronteiras e em qualquer tempo, entre diversas outras opções desse mundo tecnológico.

Segundo Wim Veen e Ben Vrakking (2009), a diferença entre o *Homo Zappiens* e as outras gerações possui como foco geracional o modo como ambos se relacionam com as tecnologias: os *Homo Zappiens* são íntimos da tecnologia, porque aprendem numa relação dialógica que se contextualiza pela prática e pela experimentação da mesma, ao passo que as outras gerações se submetem a um modelo de aprendizagem instrucionista para depois realizar as operações tecnológicas.

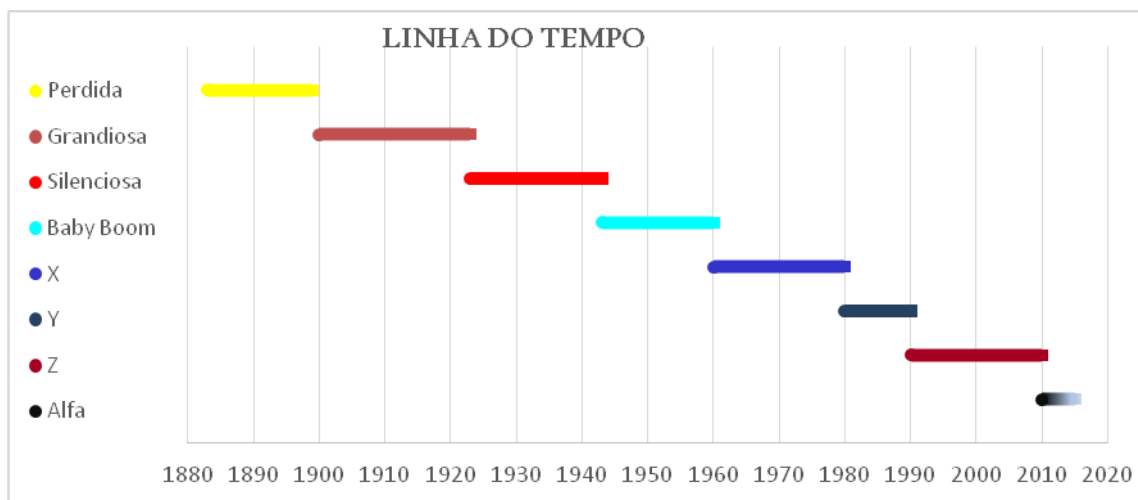
Deste modo, os autores supracitados se reportam ao fenômeno do *Homo Zappiens* como o grande responsável pelas mudanças ocorridas no seio do plano educacional, na medida em que ele é fruto da mudança social que ocorreu em virtude da maior interação global e da presença cada vez mais forte da tecnologia na e para a vida das pessoas.

De acordo com a Teoria Geracional, elaborada por Strauss e Howe (1991), em cada século há quatro gerações diferentes e cada uma das gerações porta-se segundo as características de cada período geracional, assim como pelos eventos de sua época. Para esses autores, a definição de geração é “um grupo especial de corte, cujo comprimento corresponde aproximadamente vinte e dois anos ao longo dos últimos três séculos”.

Essa teoria explica as diferenças entre gerações e a maneira como estas se relacionam umas com as outras e com as épocas históricas em que convivem, à proporção que são influenciadas pelo contexto no qual se desenvolve a sua infância e juventude para, mais tarde, quando iniciam a idade mais madura, influenciarem o curso da história. Embora este modelo recorra a estereótipos, a dinâmica que descreve tem uma grande utilidade para assimilar os valores e a conduta das gerações e o relacionamento entre elas, bem como para elaborar hipóteses a esse respeito.

Para melhor compreensão da Teoria Geracional, elaboramos o Gráfico 1, a seguir, que demonstra a ordem cronológica de cada geração.

Gráfico 1 - Ordem Cronológica das gerações



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Nota: Uma vez que não há consenso sobre os anos limítrofes de cada geração, o gráfico apresenta uma média simples das datas mais comuns, exibindo na legenda concepções mais abrangentes e mais restritas de cada caso.

Cada geração vive num determinado tempo, mas ocorre o convívio social entre gerações diferentes que possuem características peculiares, como expressa o Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - Teoria Geracional - Geração Baby Boomers

GERAÇÃO BABY BOOMERS	
Data de Nascimento	1940 a 1960
Descrição	Para nós que falamos de Internet, referimo-nos à explosão demográfica (baby boomer) causada com o final da 2ª Guerra Mundial. Alguns dividem essa geração em duas: 1. Primeiros Boomers (1946 a 1954) 2. Boomers Posteriores (1955 a 1964).
Características	<ul style="list-style-type: none"> ● padrão de vida estável; ● preferência por qualidade e não quantidade; ● creem no progresso econômico e social; ● aprenderam o que é trabalho de equipe na escola e nos empregos; ● são, em regra, otimistas; ● sabem o que quer; ● não são influenciados por terceiros

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Quadro 2 - Teoria Geracional - Geração X

GERAÇÃO X	
Data de Nascimento	1960 a 1980
Descrição	São os filhos da Geração Baby Boomers. Muito rebeldes para os padrões até então estabelecidos, deram o nome de "X" porque queriam estudar mais para entender seus comportamentos tão estranhos à época.
Características	<ul style="list-style-type: none"> ● ruptura com as regras e valores das gerações anteriores; ● preferência por qualidade e não quantidade; ● são autoconfiantes, mas céticos; ● estão à procura de um sentido de família; ● querem ter vida pessoal e profissional; ● cumprem objetivos e não prazos; ● gostam de informalidade no trabalho; ● são avessos ou indiferentes à autoridade; ● parecem ser atraídos pelo abismo; ● são criativos e dominam as tecnologias; ● buscam por seus direitos; ● procuram a liberdade

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Quadro 3 - Teoria Geracional - Geração Y

GERAÇÃO Y	
Data de Nascimento	1980 a 2000
Descrição	São os filhos da Geração X, netos da Geração Baby Boomers. Também chamados de Geração Millennials por nascerem exatamente na mudança do milênio, essa geração ainda não possui uma unanimidade no que diz respeito ao seu período de classificação. Alguns dizem que começa nos anos 70's e outros que se estende até 2010. Como são os descendentes da Geração X, achou-se por bem usarem a próxima letra do alfabeto.
Características	<ul style="list-style-type: none"> ● as mães trabalham; ● quando crianças estiveram na creche desde muito cedo; ● apreciam a maneira de ser dos pais; ● aceitam de forma natural a diversidade de raças, religiões e ambientes; ● são otimistas quanto ao futuro; ● no emprego mostram-se desejosos de trabalhar e aprender; ● sabem mais do que os seus pais (novas tecnologias). ● estão sempre conectados ● vivem em redes sociais; ● buscam sempre novas tecnologias.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Quadro 4 - Teoria Geracional - Geração W

GERAÇÃO W	
Data de Nascimento	1991 a 2000
Descrição	A Geração W é uma subdivisão da Geração Y que quando foi criada, possuíam ainda jovens sem idade para o trabalho. Acreditam que essa nomenclatura venha a ser deixada de lado, até porque o W deve ser utilizado para a Geração Baby Boomers a fim de padronizar uma letra para cada. O tempo dirá o que acontecerá, para nós, entretanto, é suficiente sabermos que são tão conectados quando qualquer um da Geração Y.
Características	<ul style="list-style-type: none"> • as mesmas que a Geração Y.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Quadro 5 - Teoria Geracional – Geração Z

GERAÇÃO Z	
Data de Nascimento	1990 a 2010
Descrição	A Geração Z é a que usa, de forma natural, a Internet, pois ao começar a escrever ela já existia. Mais do que existir a rede por intermédio dos computadores, a conexão com as outras pessoas se dá também de forma móvel com os smartphones. Essa geração é extremamente atendida, conectada e preocupada com o meio ambiente, sustentabilidade e responsabilidade social.
Características	<ul style="list-style-type: none"> • parecidos com a Geração Y; • alta conectividade com outras pessoas; • senso de responsabilidade social.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Quadro 6 - Teoria Geracional - Geração Alfa

GERAÇÃO ALFA (ALPHA)	
Data de Nascimento	Nascidos após 2010
Descrição	Esta geração ainda não está totalmente definida. Poderá chamar-se de Geração M (de móvel, <i>mobile</i> em inglês). A geração Z e a Alfa devem se fundir numa nova nomenclatura, porém, exatamente pela falta de definição, temporariamente é chamada de Geração Alfa.
Características	<ul style="list-style-type: none"> • Ainda sem uma característica precisa, o que se sabe é que nunca uma geração teve tanto acesso a informação e educação como esta.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Perante as gerações que permeiam a escola hoje, o sistema de educação tende a ser alterado ao mesmo tempo que novas gerações vão surgindo, adotando novas estratégias que as tornam diferentes das anteriores.

Nesse sentido, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors, contribui para a concepção de uma nova escola para o novo milênio. O relatório *Educação: um tesouro a descobrir* fornece pistas e recomendações importantes para o delineamento de uma nova concepção pedagógica.

A Comissão, consciente das realidades concretas da educação, insistiu muito na necessidade de recursos, em quantidade e em qualidade, sejam clássicos – por exemplo, os livros – ou modernos, ou seja, as tecnologias de informação; convém que, ao serem utilizados com discernimento, eles venham a suscitar a participação ativa dos alunos. Por sua vez, os professores devem trabalhar em equipe, principalmente, no ensino secundário, de modo a contribuírem para a indispensável flexibilidade dos cursos: tal postura diminuirá o índice de fracasso escolar, fará emergir determinadas qualidades naturais dos alunos e, portanto, facilitará uma melhor orientação dos estudos e dos currículos individuais na perspectiva de uma educação ministrada ao longo da vida. (DELORS, 2010, p. 21).

Segundo o relatório, o uso das TICs provoca a participação ativa dos alunos visto que educação é ferramenta que promove o indivíduo do século XXI.

O conceito de educação ao longo da vida é a chave que abre as portas do século XXI; ele elimina a distinção tradicional entre educação formal inicial e educação permanente. Além disso, converge em direção a outro conceito, proposto com frequência: o da “sociedade educativa” na qual tudo pode ser uma oportunidade para aprender e desenvolver os talentos [...]. (DELORS, 2010, p. 32).

O relatório também discute sobre o compromisso de professor que mesmo sendo, “fundamentalmente, uma atividade solitária, no sentido de que cada professor deve assumir suas próprias responsabilidades e deveres profissionais” (DELORS, 2010, p. 33). Também informa que para melhorar a qualidade da educação e adequá-la às características particulares dos alunos ou das aulas o trabalho em equipe é indispensável, pois na escola não temos somente a figura do professor, muitas vezes depende do apoio da equipe gestora para colocar em prática novas propostas pedagógicas.

O discurso do relatório pondera que o universo da educação está em transformação e é preciso acompanhá-lo, a mudança e a inovação devem ser consideradas e realizadas na área da educação. Nesse seguimento, recomenda:

O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação deve suscitar uma reflexão geral sobre o acesso ao conhecimento no mundo de amanhã. A Comissão recomenda: diversificação e aprimoramento do ensino a distância, pelo recurso às novas tecnologias; crescente utilização dessas tecnologias no âmbito da educação de adultos, em particular, para a formação contínua de professores; fortalecimento das infraestruturas e capacidades dos países em desenvolvimento, assim como a divulgação das tecnologias por toda a sociedade: trata-se, de qualquer maneira, de condições prévias à sua utilização no âmbito dos sistemas educacionais formais. (DELORS, 2010, p. 36).

Mais um motivo para que as escolas tomem consciência da real importância da tecnologia é o novo formato do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que entrará em vigor em 2018. Neste exame, além dos conteúdos tradicionais, será também avaliada a tecnologia, como uma importante habilidade desse século. Os padrões de avaliação pretendem definir e entender a formação que os alunos precisam ter ao término da escolaridade básica.

1.4 (Multi)letramentos, Novas Aprendizagens

O termo letramento surgiu a partir da década de 1980, tornando-se objeto de estudos da linguagem e da educação. Há, contudo, uma distinção entre alfabetização e letramento, pois ambos possuem conceitos paralelos, porém atuam em conjunto na formação de um indivíduo. Assim, a alfabetização encarrega-se de promover inicialmente o ensino da escrita e da leitura e o letramento é a consequência do aprendizado dessas habilidades, para que um indivíduo possa utilizá-las nas mais diversas práticas sociais em que haja leitura e escrita. Soares (2002, p. 145) afirma que, “[...] letramento são práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”.

A escola, por ser a principal agência de letramento da sociedade, deve se preocupar em criar espaços que tornem possível experimentar formas diversificadas de práticas sociais, ou melhor, assumir o letramento em sua verdadeira essência, caminhar em direção aos multiletramentos da vida social, utilizando-os de forma estrutural em todas as fases da educação básica, conforme postulado por Kleiman (2007). Da mesma forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000)

ressaltam que o estudo da língua materna na escola está em direção a uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade.

Os Parâmetros curriculares abordam que, para o ensino do português, boas leituras não são conseguidas simplesmente com o desenvolvimento da capacidade de ler dos alunos. É preciso buscar as ferramentas mais indicadas para que estes aprendizes possam se sentir motivados. A escola precisa

[...] mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (BRASIL, 2000, p. 43).

Entre os conceitos defendidos nos PCN, é esperado que a leitura seja prazerosa para o aluno, e possa ser entendida como “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua” (BRASIL, 2000, p. 41). Não se trata, dessa forma, de simples decodificação linear do texto. O leitor deve se aventurar sobre os assuntos desconhecidos, criar suposições e procurar comprovações para as antecipações feitas, uma vez que:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 2000, p. 41).

Para que um indivíduo se torne um cidadão atuante e interaja em sociedade, é preciso centrar esforços para aprendizagem do letramento e não apenas da alfabetização, isso se deve em razão de um processo natural projetado no início da vida escolar dos alunos. O desafio está em conceder ao sujeito meios para que ele

possa acessar esse universo letrado e evidenciar os usos distintos da escrita em sociedade.

[...] letramento [...] – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito – [...] alfabetização [...] – consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema – grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. (SOARES, 2004, p. 15).

De acordo com Kleiman (2007), o letramento não é alfabetização, mas faz parte dela. Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados.

[...] entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo). Esta proposta considera que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. (BRASIL, 2007, p. 13).

O advento da Internet causou uma explosão na maneira de comunicar-se e de adquirir informação. Esse fenômeno é global, em instantes, mediante esses recursos, é possível acessar informações de qualquer lugar do planeta.

Por intermédio do computador, as pessoas praticam a leitura e a escrita, se comunicam e interagem, tornam-se sujeitos da informação. Por Letramento Digital compreende-se a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. O letramento digital é mais que o conhecimento técnico. Ele inclui ainda, segundo Carmo (2003),

[...] habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente.

É a capacidade de manusear naturalmente, com agilidade, as regras da comunicação em ambiente digital.

Para Soares (2002), não existe “o letramento”, mas “letramentos”, a tela do computador se constitui, neste sentido, como um novo suporte para a leitura e escrita digital. Segundo a autora, a tela é considerada como um novo espaço de escrita e traz mudanças significativas nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, entre o ser humano e o conhecimento.

Para Soares (2002, p. 151), essas transformações têm desdobramentos sociais, cognitivos e discursivos, “configurando assim, um letramento digital”. Uma pessoa letrada digitalmente necessita de habilidade para construir sentidos com base em textos que compõem palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos e links; elementos pictóricos e sonoros. Ela precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente, e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas por meio dos sistemas computacionais.

Analisando os estudos que convergem nesta área, percebemos que o que sustenta a ampliação do conceito de letramento para letramento digital é simplesmente a ideia de interação, ou melhor, a ação de interagir, para além de interpretar. O sujeito tem a possibilidade de, nas práticas de leitura e escrita, além de interpretar e repercutir sua interpretação no seu convívio social, avançar nas práticas interagindo com o texto, assim, a interação passa a ser uma intervenção.

Esse novo advento de letramento repercute na introdução e expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Por meio delas, o processo de troca e disseminação de informação e comunicação se torna muito mais dinâmico e acessível à sociedade.

Rojo (2012a) declara a necessidade da abordagem da diversidade cultural e da diversidade das linguagens na escola, com base em uma pedagogia dos multiletramentos, firmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio de um grupo de Nova Londres, estado de Connecticut, EUA, 1966. Após uma semana de discussões, o grupo publicou um manifesto denominado “*A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures*” – “Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais.”

Nesse documento, o grupo reconhecia a necessidade da escola trabalhar os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, não apenas em virtude das TIC, e de considerar e abarcar nos currículos a grande diversidade de culturas presentes nas salas de aula do mundo todo e marcada pela intolerância com as diferenças.

O Grupo de Nova Londres apresentava algumas características em comum: a maioria era originária de países em situação de conflito cultural e seus integrantes mostravam que o não tratamento desses assuntos em sala de aula colaborava para o aumento da violência social e para a falta de perspectiva dos jovens, e (para a nossa pesquisa) o Grupo direcionava para o fenômeno de que essa juventude, os nossos alunos, já fazia uso há aproximadamente quinze anos das “novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico” (ROJO, 2012b, p. 12).

Os argumentos de Bezerra (2010, p. 293-294), ao destacar que a formação de um professor de língua, materna ou estrangeira, “incluirá, necessariamente, o estudo da língua como objeto heterogêneo, dos gêneros e textos como multifacetados e flexíveis e das estruturas linguísticas como formas adequadas aos gêneros textuais produzidos socialmente.”

Nesta concepção, situamos o conceito de multiletramentos em seus dois sentidos apontados por Rojo (2012b, p. 13): multiplicidade de culturas e multiplicidade de linguagens.

No que se refere à multiplicidade de culturas, é preciso notar: como assinala Gracia Canclini (2008[1989]308-309), o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos populares/de massa/erudito), desde sempre híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes “coleções”.

A definição de multiplicidade de linguagens se refere aos modos ou semioses nas produções dos textos – impressos ou em mídias audiovisuais. Ou seja, “multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos” (ROJO, 2012b, p. 19).

Dionísio e Vasconcelos (2010, p. 164-165) já chamavam a atenção para o fato de que:

As alterações físicas no processo de construção dos gêneros provocam, conseqüentemente, uma mudança também na forma de ler os textos. O dinamismo da imagem do filme passou para a charge virtual, para o pôster interativo, a disposição do texto na página oscila entre os moldes ocidentais e orientais de escrita; estes são apenas alguns exemplos que deixam transparecer a necessidade de revisão do conceito de leitura e de suas estratégias que utilizamos em nossas aulas. Conseqüentemente, se os gêneros se materializam em formas de representação multimodal (linguagem alfabética, disposição na página ou na tela, cores, figuras geométricas etc.) que se integram na construção do sentido, o conceito de letramento também precisa ir além do meramente alfabético. Precisamos falar em multiletramento! (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2010, p. 164-165).

Um dos artigos do volume 3 – Multiletramentos – da Coleção Educação no Século XXI, da Fundação Telefônica, intitulado “Cenários futuros para as escolas”, Rojo (2013, p. 8) define alfabetização, letramento e multiletramentos como:

O conceito de alfabetização nasceu com a invenção da escola, no século XIX. A partir de então – e por mais de um século –, o que se esperava das pessoas era simplesmente que elas soubessem assinar o próprio nome. À medida que a sociedade foi se sofisticando, veio a Revolução Industrial e, com ela, a necessidade de entender um pequeno texto – como as instruções para operar uma máquina. Depois, sucessivamente, mais práticas de leitura e de escrita foram requeridas. Já não bastava mais somente decodificar e codificar símbolos de pequenos textos. Essas práticas requeriam certas capacidades de leitura e escrita mais complexas que a decodificação/codificação, que denominamos alfabetismos. No entanto, o que é chamado de letramento não envolve somente as capacidades de leitura e escrita individuais que a escola desenvolve: é mais que isso. Compreende práticas variadas e díspares que estão além da escola, como pagar compras com cartão de banco e circular no trânsito. A evolução mais recente é o conceito de multiletramentos. Com as novas tecnologias, os textos são cada vez menos só escritos. Basta pensar em um jornal do início do século passado. Eram apenas letras em uma diagramação. Hoje, a diagramação é muito mais sofisticada e apoiada em muitas imagens. Atualmente, o texto escrito também não é mais o principal em alguns gêneros. Existem muitos formatos para comunicar que consideram a relação da imagem com a escrita ou da imagem com o movimento. Essas novas configurações motivaram a ideia de multiletramentos, que abrange os letramentos da letra e também os letramentos da imagem e do som.

Neste sentido, concordamos que a abordagem de um texto ultrapassa os recursos linguísticos escritos estáticos, ou seja, as escolhas linguístico-discursivas. Uma das maiores pesquisadoras em estudos de multimodalidade e ensino, Carey Jewitt (2009), apresenta o seguinte verbete para Multimodalidade:

Multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar que entende a comunicação e a representação como envolvendo mais que a língua. Os estudos nesse campo têm se desenvolvido nas últimas décadas de modo a tratar sistematicamente de questões muito discutidas sobre as mudanças na sociedade, por exemplo, em relação às novas mídias e tecnologias. Abordagens multimodais têm proposto conceitos, métodos e perspectivas de trabalho para a coleção e análise de aspectos visuais, auditivos, corporificados espaciais da interação e dos ambientes, bem como da relação entre os mesmos. (JEWITT, 2009, p. 48).

2 FACEBOOK: A REDE SOCIAL

Neste capítulo abordamos a Rede Social do momento – o Facebook –, discorreremos sobre o seu surgimento, os vários recursos que encontramos e a sua expansão.

As redes sociais na Internet são ciberespaços identificados e usados como um recurso de ligação entre as pessoas que fazem uso da Internet. A conexão entre os usuários é realizada por meio do perfil de cada um, nele podemos destacar nossas características, gostos, interesses, *hobbies*, nível de escolaridade, profissão desempenhada e outras informações que achamos interessantes para os nossos contatos saberem a nosso respeito.

A interação entre pessoas ou um grupo de pessoas ou usuário de uma rede social é estabelecida por uma ou mais afinidades. Os usuários interagem compartilhando informações, fazendo postagens e amplificando a comunicação. Essa comunicação é mediada por um computador ou outros aparatos tecnológicos como Celular ou Tablet.

A rede social digital do momento, mais aclamada por todos, é o *Facebook* que foi criado pelos alunos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin estudantes da Universidade de Harvard (A HISTÓRIA..., 2011), no dia 4 de fevereiro de 2004, com o objetivo proporcionar uma interatividade entre os alunos da universidade, fornecendo dados atualizados sobre os contatos, a fim de receber as informações sobre eventos, relacionamentos, grupos, fotos, compartilhar ideias, vídeos, imagens e postagens de amigos. Era uma rede social de uso exclusivo dos estudantes, pois, para participar deste sistema, era preciso ser membro de alguma instituição reconhecida, mas com o seu enorme crescimento, em pouco tempo foi expandida para o público.

No *layout da página*, percebemos um menu com ferramentas básicas localizadas no canto superior esquerdo do site, que facilitam a inserção de fotos, vídeos, grupos e eventos; dependendo da interface do dispositivo usado pode haver mudanças no layout. Esse menu permite que sejam criados e acessados álbuns de fotos de amigos ou do próprio usuário.

Ainda é possível acrescentar e visualizar vídeos baixados da Internet, gravados no celular ou por compartilhamento com a webcam, unir-se a comunidades, divulgar e receber alertas sobre eventos e escrever mensagens.

No menu da Rede Social também se encontra um dos seus principais atrativos que são os aplicativos, especificamente a central de aplicativos que oferece diversos modos de interação entre os usuários, permitindo, por exemplo, que o internauta e seus contatos participem de jogos, testes de conhecimentos gerais, divulguem músicas favoritas, compartilhem interesses sobre filmes e mostrem informações sobre sites de notícias.

Quando acessamos o perfil de qualquer usuário do *Facebook*, encontramos, logo abaixo da foto de apresentação, várias alternativas para interagir, as mais tradicionais são a visualização dos contatos dele e um campo para enviar uma mensagem que funciona como uma espécie de e-mail interno da rede social.

2.1 Os Recursos do Facebook

A rede social *Facebook* integra inúmeros recursos, como por exemplo: o mural, o botão “curtir”, o botão “compartilhar”, o botão “cutucar”, o botão “comentar”, cada um com suas características. A criação de um perfil é realizada a partir de um e-mail e senha, juntamente com o preenchimento de dados, após o cadastro conforme, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Tela de Início da Rede Social *Facebook*

The image shows the Facebook homepage interface. At the top left is the 'facebook' logo. To the right are login fields for 'E-mail' and 'Senha' (password), with an 'Entrar' button. Below the login fields are links for 'Manter-me conectado' and 'Esqueceu sua senha?'. The main content area is split into two columns. The left column has a headline: 'No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.' Below this is a world map with several orange person icons connected by dashed lines. The right column is titled 'Cadastre-se' (Sign up) and includes the text 'É gratuito e sempre será.' Below this are several input fields: 'Nome:', 'Sobrenome:', 'Seu e-mail:', 'Insira o e-mail novamente:', and 'Nova senha:'. There are also dropdown menus for 'Eu sou:' (with 'Selecione o gênero:' as a label) and 'Data de nascimento:' (with 'Dia:', 'Mês:', and 'Ano:' sub-labels). A red rectangular box highlights the green 'Cadastrar-se' button. At the bottom of the registration section, there is a link: 'Crie uma página para uma celebridade, banda ou empresa.'

Português (Brasil) English (US) Español Français (France) Deutsch Italiano العربية 繁體中文 (香港) 日本語 ...

Facebook © 2011 - Português (Brasil) Celular · Localizar amigos · Atalhos · Pessoas · Páginas · Sobre · Anúncios · Crie uma página · Desenvolvedores · Carreiras · Privacidade · Termos · Ajuda

Fonte: Allfacebook.

O mural do *Facebook* fica na página do perfil de cada usuário e permite a postagem de mensagem. Trata-se de um espaço visível por todos, com permissão. As mensagens são enviadas ao e-mail cadastrado do usuário. O botão “curtir” é um recurso de plataforma, que permite aos usuários clicar em “curtir” e expressar interesse ao que foi postado por outro usuário, conforme podemos visualizar na Figura 3.

Figura 3 - Botão “Curtir”



Fonte: Allfacebook.

O botão “compartilhar” é um recurso que permite ao usuário passar adiante uma mensagem, uma foto, um link, um comentário, para que outros possam tomar parte do conteúdo exposto. Tem a finalidade de facilitar divulgações no *Facebook*. Compartilhar no mural é outra possibilidade deste recurso, que possibilita a divulgação do que se achou interessante, aos amigos e contatos da rede social, como indica a Figura 4.

Figura 4 - Botão “Compartilhar” e “Comentar”



Fonte: Página da autora.

Outro recurso que permite a comunicação entre os sujeitos é o recurso do botão “comentar”, uma vez que o usuário o utiliza para expressar a sua opinião a respeito do que foi postado ou para troca de informação, tomando parte do exposto, também, permite interação, por influências ou ações mútuas entre usuário, como mostra a Figura 4.

O botão “cutucar” é outro recurso que permite uma interação entre os sujeitos e a interpretação da “cutucada” cabe a cada um, em particular. É uma forma de chamar a atenção do usuário, com o intuito de demonstrar que está interagindo. Os

usuários “cutucam” com ou sem finalidades específicas de aproximação e contato ou quando querem chamar a atenção.

Figura 5 - Botão “Cutucar”



Fonte: Allfacebook.

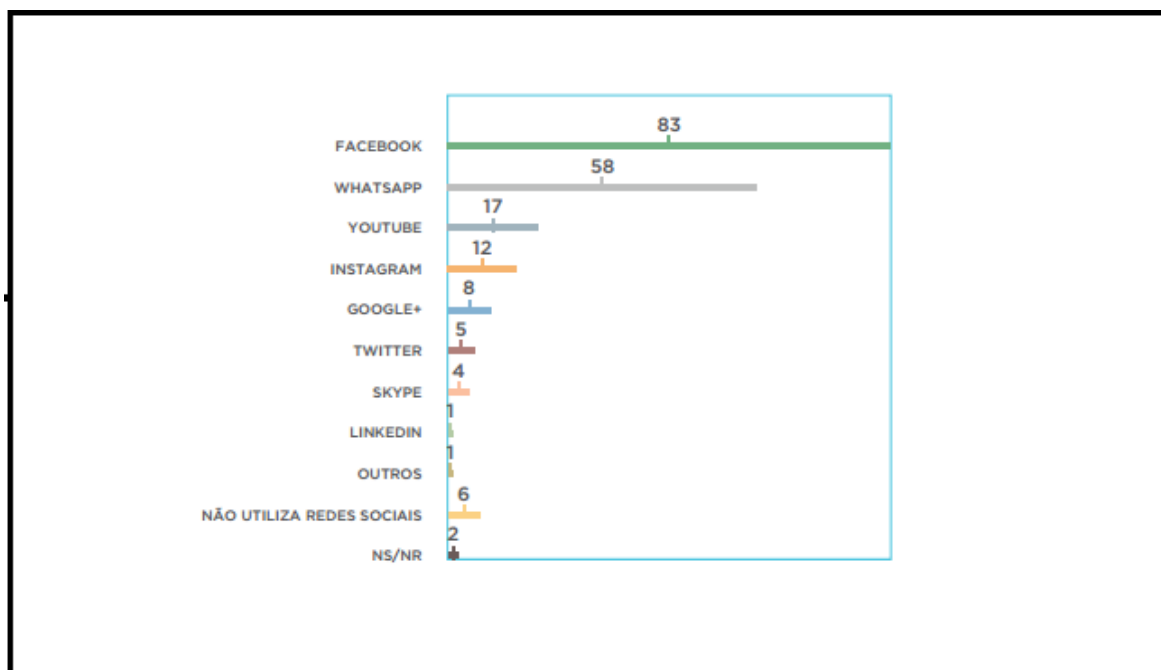
Também estão disponíveis vários outros aplicativos disponíveis no *Facebook*. O aplicativo *Facebook Vídeos* é muito utilizado para assistir a vídeos ou partilhá-los. Arquivos do computador podem ser adicionados diretamente do telefone celular por meio do “*Facebook Móvel*”. Caso o usuário queira utilizar outro recurso de gravação de imagens, pode dispor da ajuda de uma *webcam*, uma câmera da web, de baixo custo, de baixa ou alta resolução, com microfones acoplados, que capta imagens e as transfere para o computador.

O acesso a espaços virtuais leva o aluno a construir diversas possibilidades de leitura e, por conta disso, de escrita, interagindo na tela do computador. É assim que o processamento da leitura e da escrita é veiculado em diferentes suportes textuais, os quais vão sendo construídos quando a sociedade passa a ampliar as suas potencialidades tecnológicas.

2.2 A expansão do Facebook

Atualmente, o *Facebook* desempenha um grande papel na vida de milhões de alunos, por isso, é uma oportunidade de imersão na realidade digital. Conforme pesquisa dos hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), o *Facebook* é a rede mais utilizada, como podemos comprovar no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Redes Sociais mais Utilizadas no Brasil



Fonte: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2015.

Constatados os dados acima, que demonstram o acelerado crescimento no número de adesões à rede social *Facebook* e a idade dos usuários brasileiros, que iniciam o uso ainda jovem, surge a ideia de aproveitar o envolvimento e a interação proporcionados pela rede social também no espaço escolar, a fim de desencadear e oportunizar a construção do conhecimento de forma colaborativa.

2.3 *Facebook* e Educação

O *Facebook* lançou um guia, *Facebook para Educadores* (PHILLIPS, BAIRD, FOOG, 2011) que pretende ajudar os professores a entender e utilizar a plataforma como parte de suas atividades escolares ou que desejam saber o potencial da rede social na educação. Algumas sugestões são muito interessantes para aqueles educadores que desejam integrar as redes sociais em seu plano de aula, ou estimular a participação da instituição de ensino por meio do *Facebook*.

Trata-se de um material muito esclarecedor no quesito de tirar dúvidas sobre a rede social do momento, inicia os professores na plataforma pelas normas, políticas de segurança, opções de privacidade, explica como utilizar os grupos e as páginas para se comunicar com os alunos. Também é instrutivo, gratuito e pode ser

acessado pela Internet. O guia foi escrito pela especialista em educação Linda Fogg Phillips, pelo mestre Derek Baird e pelo doutor. BJ Fogg (2011).

Segundo Phillips, Baird e Fogg (2011), “os professores estão reconhecendo que precisam ter um melhor entendimento sobre o Facebook e utilizá-lo de forma positiva e produtiva para apoiar a educação dos alunos do século 21”. Neste guia, encontramos sete maneiras pelas quais educadores podem usar o *Facebook*, conforme descreve o Quadro 7.

Quadro 7 - Sete Maneiras Como Educadores Podem Usar o *Facebook*

Sete Maneiras Como Educadores Podem Usar o <i>Facebook</i>	
1	Ajudar a desenvolver e seguir a política da escola sobre o <i>Facebook</i> .
2	Incentivar os alunos a seguir as diretrizes do <i>Facebook</i> .
3	Permanecer atualizado sobre as configurações de segurança e privacidade no <i>Facebook</i> .
4	Promover a boa cidadania no mundo digital.
5	Usar as páginas e os recursos de grupos do <i>Facebook</i> para se comunicar com alunos e pais.
6	Adotar os estilos de aprendizagem digital, social, móvel e “sempre ligado” dos alunos do século 21.
7	Usar o <i>Facebook</i> como recurso de desenvolvimento profissional.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora.

Outro pressuposto que demonstra o espaço conquistado pelo *Facebook* entre as pessoas e mais um motivo para o educador não ser indiferente a esta rede foi a notícia veiculada em 10 de abril de 2015. A página do governo federal, o Portal Brasil, informou que a presidente Dilma Rousseff encontrou com o criador do *Facebook*, durante a VII Cúpula das Américas, no Panamá, e firmou uma parceria entre o governo brasileiro e a rede social *Facebook* para ampliar a inclusão digital no País. O acordo visa levar a Internet para regiões remotas e garantir o acesso a serviços como educação e saúde. Também foi anunciado como modelo a ser seguido a parceria que já existe entre o *Facebook* e a Associação de Moradores de Heliópolis, uma comunidade de baixa renda da zona sul de São Paulo.

Segundo Dilma Rousseff, o acordo vai ampliar a inclusão digital no País e facilitar o acesso à rede em regiões remotas: “A partir de agora, vamos começar a desenvolver estudos em comum, até desenhar um projeto com o objetivo da inclusão digital”, disse a Presidente. “Isso vai permitir ampliar o acesso à educação,

à saúde, à cultura e tecnologia”, completou (PORTAL BRASIL, 2015). “Estamos muito empolgados com essa parceria, e amplificar o acesso à Internet permite avançar em diferentes áreas, como economia moderna, emprego, educação e comunicação”, disse o presidente do Facebook, Mark Zuckerberg (PORTAL BRASIL, 2015). O empresário divulgou a seguinte mensagem em sua página pessoal:

Eu encontrei com a presidente Dilma Rousseff do Brasil. Tivemos uma boa discussão sobre como trabalhar juntos para conectar mais pessoas à Internet no Brasil.

Um projeto que anunciamos hoje é um programa de conectividade que já está em processo na favela de Heliópolis, em São Paulo. Este é um bairro de baixa renda de cerca de 200.000 pessoas na maior cidade do Brasil. Nós vamos disponibilizar acesso rápido sem fio para todos nesta comunidade para que então eles possam acessar serviços básicos de Internet em seus celulares – incluindo serviços gratuitos em torno da saúde, emprego, **educação** e comunicação.

A Presidente e eu acreditamos que todos devem compartilhar os **benefícios sociais e econômicos da conectividade**. Nós conversamos sobre as oportunidades da tecnologia para trazer diversas comunidades mais próximas e também para **melhorar a educação**. Essas são coisas que nos preocupamos muito no Facebook, por isso estamos empenhados em encontrar mais maneiras de colaborar.

Estou animado no Facebook para ajudar mais brasileiros a se conectarem com seus amigos e criar maiores oportunidades ao redor do mundo. (ARQUIVOS..., 2015, tradução e grifos do autor)⁵.

⁵ *I just met with President Dilma Rousseff of Brazil. We had a good discussion about working together to connect more people to the internet in Brazil. One project we announced today is a trial connectivity program in the Heliopolis favela in São Paulo. This is a low income neighborhood of around 200,000 people in Brazil's largest city. We're going to deliver fast free wi fi to everyone in this community so they can access basic internet services on their phones - including free services around health, jobs, education and communication.*

The President and I both believe that everyone should share in the social and economic benefits of connectivity. We talked about the opportunities for technology to bring diverse communities closer together and also to improve education. These are things we care a lot about at Facebook, so we're committed to finding more ways to collaborate.

I'm excited for Facebook to help more Brazilians connect with their loved ones and create greater opportunities around the world.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa: os procedimentos metodológicos, os protocolos de observação, os métodos empregados para análise justificando a inserção da pesquisa no contexto da Linguística Aplicada, bem como apresentamos os participantes do estudo, os instrumentos utilizados e procedimentos realizados.

3.1 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho é resultado de pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE), da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, campus de Assis – SP, o sob o nº 37867614.1.0000.5401, cujo parecer nº 943.749 é datado de 03 de fevereiro de 2015.

Como citado na introdução, o objetivo desta pesquisa é analisar a possibilidade de uso da rede social *Facebook* como uma ferramenta de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa com alunos da Educação Básica.

A pesquisa foi realizada com alunos do 9º Ano das Séries Finais do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município do interior do estado de São Paulo. Para isso, criamos um grupo secreto denominado “Interligados” com a finalidade específica de executar as atividades propostas, no qual apenas os membros do grupo podem visualizar o grupo, os participantes e as publicações, pois o acesso é permitido somente aos alunos convidados e tudo é administrado pela professora-pesquisadora.

De acordo com Telles (2002), temos Método de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa, enquanto o primeiro é o conjunto de procedimentos de coleta e análise de dados tomados pelo professor para realizar sua investigação, o segundo diz respeito às visões de mundo, às concepções teóricas e à concepção de verdade que fundamentam o método ou tal conjunto de procedimentos.

Quando se fala em pesquisa educativa logo se pensa nos métodos de pesquisa. Segundo Telles (2002, p. 101):

O método de pesquisa a ser escolhido dependerá do objeto ou questão a ser estudada. Por exemplo, se o professor desejar saber a frequência de visitas dos pais à escola dentro dos vários períodos do ano letivo, provavelmente terá que utilizar métodos quantitativos de pesquisa, tais

como análise estatística e fatorial, de covariação, etc. Se ele desejar entender a relação do aluno com a leitura, será mais apropriado utilizar métodos qualitativos de investigação. (TELLES, 2002, p. 101).

Dentro dessa perspectiva utilizamos o método qualitativo de investigação que é a modalidade mais aplicada na pesquisa em educação, conforme Telles (2002, p. 102):

Atualmente, a opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais frequente na pesquisa em educação, visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola.

Podemos classificar esta pesquisa como um estudo de caso, conforme argumentaremos na seção 3.1.1, na qual buscamos obter os resultados com base na análise qualitativa, que analisa e descreve o fenômeno em sua forma complexa. Cabe ressaltar que não há um método com uma característica única, segundo Telles (2002, p. 102):

Os métodos oferecidos pelas modalidades de pesquisa [...] muitas vezes se mesclam, tornando difícil uma caracterização rígida de cada um deles. O importante é fazer uso de qualquer instrumento ou método desde que eles possam auxiliar o professor a melhor registrar, entender e produzir sentidos sobre sua prática e ambiente profissional.

3.1.1 Estudo de caso

Uma pesquisa intitula-se como estudo de caso quando, em vez de estudar uma quantidade muito grande de variáveis, procura-se estudar minuciosamente uma única iminência de um fenômeno. Dessa maneira, a finalidade não é chegar em uma teoria despreendida de contexto, mas sim uma experiência concreta, atingindo um conhecimento dependente de contexto.

Estudos de caso são mais apropriados para criar ou testar hipóteses. Longe de confirmar conceitos preconcebidos, estudos de caso procuram encontrar noções erradas em conhecimentos convencionais.

De acordo com Telles (2002), os estudos de caso “são utilizados quando o professor-pesquisador deseja focar um determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à sua prática profissional”.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 17), o estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. As autoras ainda elucidam que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

Com base nessa perspectiva, nosso estudo se iniciou observando as habilidades e o interesse que os alunos da Educação Básica possuem com as mídias digitais, em seguida expondo as hipóteses de melhorias e, por fim, realizando as atividades na rede social.

3.1.2 Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada (LA) é uma área do saber vem contribuindo muito com a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa e com o ensino de Língua Materna. Trata-se de uma área de investigação da língua que identifica e analisa questões acerca desta, podendo estudar a prática da linguagem em vários ambientes, inclusive o escolar. Atualmente, a LA tem se voltado a explicar fenômenos relacionados ao ensino-aprendizagem de Língua Materna e, em consonância com esses interesses, surge esta pesquisa que visa contribuir com os estudos que apontam e pretendem interferir na metodologia de ensino tradicional.

Segundo Kopschitz e Mattos (1993), “[...] a Linguística Aplicada é uma disciplina que se ocupa e, exclusivamente, de situações em que o homem usa a língua para falar dela mesma.” Então, consiste em uma ciência que tem como meio seu próprio objeto, ou seja, a LA usa a língua para falar da própria língua.

A Linguística Aplicada descreve/trabalha a língua em uma perspectiva teórica e científica fazendo uso, quando necessário, de outras áreas da ciência. Desse modo, preenche as lacunas deixadas no processo de trabalho da língua, trata dos problemas de uso da linguagem colocados na prática, seu uso na sociedade, a linguagem como instrumento de transmissão de conteúdos, culturas, ideologias.

Nessa linha de pensamento, Celani (1992) salienta que:

Por estarem diretamente empenhados na solução de problemas que derivam dos vários usos da linguagem, os linguistas aplicados estão envolvidos em trabalho que tem uma dimensão essencialmente dinâmica. Os linguistas, por sua parte, no empenho de resolver problemas linguísticos, relacionados com algum dos subsistemas da linguagem, que podem ser tornados estáticos, podem encontrar-se isolados das variáveis complexas que afetam o comportamento humano. (ALBA CELANI, 1992, p. 21)

A LA importa ao nosso trabalho porque escolhemos como propósito central realizar um trabalho direcionado ao ensino de Língua Portuguesa. Assim sendo, os trabalhos de LA contribuem cada vez mais para a minimização da lacuna que existe entre a teoria e a produção efetivamente dita dentro da sala de aula, uma vez que os seus trabalhos estão voltados para a aplicação da teoria no processo de ensino-aprendizagem.

É sabido que é por meio do lúdico e de metodologias diferenciadas que professores terão maiores chances de tornar suas aulas dinâmicas e atrativas e, assim, certamente seus alunos terão maior interesse pela aprendizagem. O professor precisa sair da rotina, deixar de lado paradigmas tradicionais e usufruir de meios que o levem ao êxito dentro da sala de aula. Eis a importância de professores estarem constantemente buscando inovar e aprimorar suas metodologias dentro da sala de aula para que seus alunos possam tomar o gosto pela aprendizagem e, principalmente, consigam desenvolver com qualidade suas habilidades para a leitura e escrita, apreendendo, aos poucos, o padrão culto da Língua Materna.

Por esta razão, acreditamos que o uso de metodologias diferenciadas em sala de aula poderá ser um caminho pelo qual o estudo de Língua Materna possa ser aplicado de maneira lúdica e dinâmica e fazer as aulas de Língua Portuguesa saírem do tradicionalismo, que torna as aulas maçantes e sem atrativos para o aprendizado do aluno.

O fato é que o uso das tecnologias pode aproximar alunos e professores e proporcionar ao aluno vivenciar aquilo que ele está aprendendo, interagindo com o conteúdo e, portanto, promover uma aprendizagem muito mais significativa do que os métodos tradicionais.

Por intermédio desta descrição, observamos os efeitos do uso de uma rede social como ferramenta pedagógica, os resultados obtidos, especialmente em aspectos de leitura, escrita e multiletramentos. Também analisamos os impactos e a percepção na própria turma, no uso da ferramenta.

No tocante aos métodos oferecidos pelas modalidades de pesquisa, concordamos com Telles (2002), quando este argumenta sobre os mecanismos oferecidos pelas modalidades de pesquisa que se mesclam, dificultando uma caracterização rigorosa de cada um deles. Também concordamos com a importância do professor pesquisador, de utilizar qualquer instrumento ou método desde que possa auxiliá-lo a registrar, entender e produzir sentidos sobre sua prática e ambiente profissional.

3.2 O Cenário e os Protagonistas da Pesquisa

A escola onde a pesquisa foi realizada é uma escola pública estadual que fica no município de Catanduva, interior do estado de São Paulo, localizada em um bairro central. O prédio da escola possui uma estrutura física ampla e bem adequada para as diversas atividades que ocorrem no universo escolar. O espaço utilizado para o desenvolvimento das atividades desta pesquisa foi a Sala de Informática que possui 17 computadores com acesso à Internet.

Os sujeitos da pesquisa compreendem 27 alunos matriculados no 9º Ano / 8ª Série da escola citada, esses alunos são oriundos de diversos bairros periféricos. A turma selecionada apresenta dificuldades nas habilidades e práticas de leitura e de escrita, conforme dados de avaliações institucionais externas como a Avaliação de Aprendizagem em Processo – AAP, o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP e também dados de avaliações internas.

Antes de iniciar a pesquisa, verificamos que todos os alunos tinham acesso à Internet e a utilizavam para diversas finalidades, sobretudo para se conectarem às redes sociais. Durante uma aula de interpretação textual, os alunos foram questionados oralmente sobre a possibilidade de utilizar a rede social como um espaço de aprendizagem, no qual poderiam ler textos, ver vídeos diversos e responder a questões sobre os mesmos e, assim, adquirir novos conhecimentos juntamente com os demais participantes.

A princípio, a grande maioria do grupo ficou surpresa, tendo em vista a associação desta ferramenta ao lazer e não ao contexto escolar. Mas, no desenrolar da conversa, foram colocando exemplos de como já haviam aprendido muitas coisas por meio das redes sociais.

Por tratar-se de uma pesquisa com discentes menores de idade, fez-se necessária a autorização dos responsáveis para a participação dos mesmos. Assim, marcamos uma reunião com os alunos envolvidos e seus responsáveis, a fim de explicarmos as atividades, entregarmos os documentos do Comitê de Ética e Pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) e o Termo de Assentimento - TALE (Apêndice C), para que assinassem concordando ou não com a participação de seus filhos. Esclarecemos, ainda, todas as dúvidas apontadas pelos presentes. Todos os responsáveis autorizaram a participação dos alunos na pesquisa e o trabalho pôde ser iniciado pela criação dos perfis dos alunos que ainda não tinham, oportunizando, assim, a participação da totalidade da turma.

Durante essa reunião, informamos que em nenhum momento seriam permitidas situações de desconforto ou constrangimento entre os participantes, caso ocorresse algum tipo de comentário ou declaração que pudesse proporcionar algum desconforto entre os participantes, a declaração seria excluída, uma vez que a pesquisadora também seria participante e administradora do grupo.

A presente pesquisa utilizou como ambiente virtual de aprendizagem a rede social *Facebook* e as atividades foram desenvolvidas durante quatro semanas, no período de 02 a 27 de março de 2015.

3.3 Etapas das Atividades na Rede

As atividades da pesquisa foram organizadas e desenvolvidas em etapas conforme descrevemos, a seguir.

Etapa 1: Abertura de conta no *Facebook*.

Primeiramente, os alunos foram questionados oralmente sobre o conhecimento da rede social *Facebook*, se possuíam conta na rede social. Neste momento verificamos que apenas três alunos não estavam utilizando a rede social, em razão de terem perdido a senha. O entusiasmo já tinha tomado conta da turma, visto que mudar o ambiente de aprendizagem é algo motivador. Em seguida, foram encaminhados, juntamente com a professora, para a Sala de Informática, também conhecida como Sala do Acesso Escola.

A sala possui 17 computadores e a turma tem 27 alunos, portanto, os alunos foram organizados em duplas para ativar a conta ou recuperar a senha daqueles que haviam perdido, também pesquisamos um nome para o grupo. Cabe ressaltar que a estratégia de organizá-los em dupla não acarretou nenhum prejuízo, pois eles mesmos formaram as duplas de acordo com a afinidade de cada um.

Etapa 2: Criação do Grupo Secreto.

Há três opções de privacidade para grupos no *Facebook*: Público, Fechado e Secreto. O Quadro abaixo mostra quem pode entrar nesses grupos e o que as pessoas podem ver sobre eles.

Quadro 8 - Opções de Privacidade para grupos no *Facebook*

	Pública	Fechado	Secreto
Quem pode entrar?	Qualquer um pode participar ou ser adicionado ou convidado por um membro	Qualquer um pode pedir para participar ou ser adicionado ou convidado por um membro	Qualquer um, mas a pessoa deve ser adicionada ou convidada por um membro
Quem pode ver o nome do grupo?	Qualquer pessoa	Qualquer pessoa	Membros atuais e ex-membros
Quem pode ver quem está no grupo?	Qualquer pessoa	Qualquer pessoa	Somente os membros atuais
Quem pode ver a descrição do grupo?	Qualquer pessoa	Qualquer pessoa	Membros atuais e ex-membros
Quem pode ver as marcações do grupo?	Qualquer pessoa	Qualquer pessoa	Membros atuais e ex-membros
Quem pode ver o que os membros publicam no grupo?	Qualquer pessoa	Somente os membros atuais	Somente os membros atuais
Quem pode encontrar o grupo na pesquisa?	Qualquer pessoa	Qualquer pessoa	Membros atuais e ex-membros
Quem pode ver histórias sobre o grupo no Facebook (como no Feed de Notícias e na pesquisa)?	Qualquer pessoa	Somente os membros atuais	Somente os membros atuais

Fonte: <https://www.facebook.com/help/220336891328465>

A escolha pelo grupo secreto no *Facebook* possui características relevantes para esta pesquisa, pois somente quem é membro sabe da existência do grupo e das postagens do mesmo. Nesse tipo de grupo apenas o administrador pode incluir um novo participante, que não pode recusar a inclusão, mas pode sair do grupo quando desejar. O grupo não pode ser encontrado em pesquisa no *Facebook*, o que garante total privacidade para os integrantes do grupo e proporciona uma segurança para os participantes.

Os alunos realizaram uma pesquisa para a escolha de nome para o grupo, após a pesquisa, foram apresentados vários nomes, todos criativos e recorrentes ao meio digital. Resolvemos realizar a escolha de uma maneira democrática, o aluno enviaria para o *inbox* da página do *Facebook* da professora o nome que mais o agradou e o mais mencionado foi “Interligados”. Após a escolha, o grupo foi montado e os membros convidados conforme descreve a Figura 6.

Figura 6 - Criação do grupo secreto e seleção dos membros para participar do grupo

A imagem mostra a interface de criação de um novo grupo no Facebook. O título é "Criar novo grupo".

- Nome do grupo:** Um campo de texto contendo "Interligados".
- Membros:** Um campo de texto contendo "Quem você deseja adicionar ao grupo?".
- Favoritos:** Uma opção desativada com o texto "Adicione este grupo aos seus favoritos."
- Privacidade:** Três opções de privacidade:
 - Público:** Desativado. Descrição: "Qualquer pessoa pode ver o grupo, seus membros e suas publicações."
 - Fechado:** Desativado. Descrição: "Qualquer pessoa pode encontrar o grupo e ver quem está nele. Somente membros podem ver as publicações."
 - Secreto:** Ativado (indicado por um círculo preenchido). Descrição: "Somente membros podem encontrar o grupo e ver as publicações."

Na base da interface, há dois botões: "Cancelar" (botão cinza) e "Criar" (botão azul).

Fonte: <https://www.facebook.com/>

Etapa 3: Convite e adição dos alunos.

Após definido o nome Interligados para o grupo, enviamos convite aos alunos e depois adicionamos cada aluno ao grupo. Neste momento, o grupo já possuía uma capa com o nome que causou grande interesse e expectativa à turma.

Figura 7 - Postagem da capa do grupo

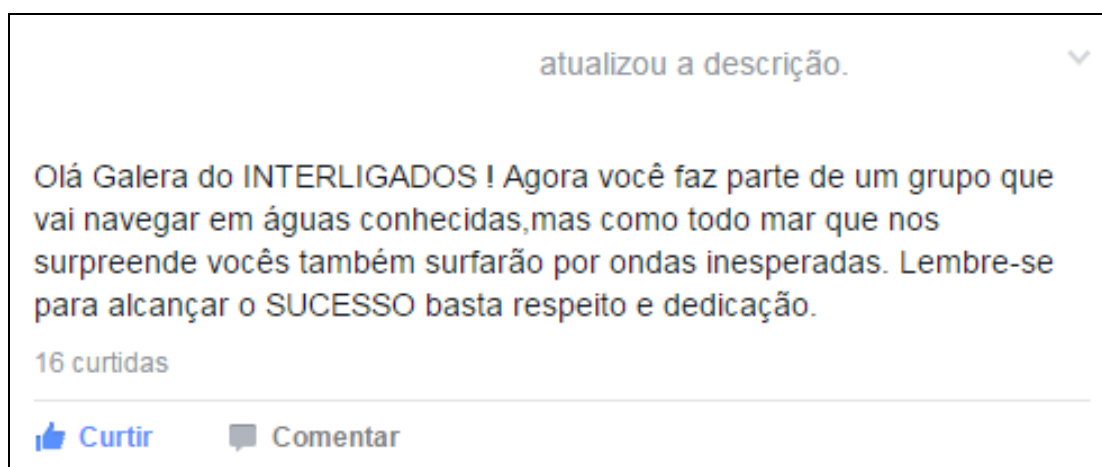


Fonte: Grupo Interligados - Facebook

Etapa 4: Saudação ao grupo

Nesta etapa, a professora postou uma saudação aos membros do grupo.

Figura 8 - Postagem de boas vindas no grupo do Facebook



Fonte: Grupo Interligados - Facebook

Etapa 5: Escolha das atividades

Nesta etapa, pesquisamos as atividades que seriam postadas na página do grupo. Foi uma escolha difícil, em razão da diversidade de textos que encontramos no mundo virtual. Após uma análise, optamos pelos textos apresentados a seguir.

Texto 1: Vídeo enviado pelo Canal do Livro, LivroClip de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Figura 9 - Vídeo LivroClip de *Dom Casmurro*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAqg

Texto 2: Imagens sobre a evolução tecnológica e humana.

Figura 10 - Imagem Evolução Tecnológica e Humana



Texto 3: Vídeo da canção “Capitu” de Luiz Tatit.

Figura 11 - Vídeo da canção “Capitu” de Luiz Tatit

A canção de Luiz Tatit resgata a personagem Capitu, de Machado de Assis, trazendo-a para a era digital. Ainda que em um contexto bem distante do encontrado no romance Dom Casmurro, a personagem mantém alguns traços característicos bem marcantes. Veja o vídeo e depois redija um comentário na norma padrão.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5ghhkAMt84k>


Texto 4: Vídeo Carregando as Baterias.

Figura 12 - Vídeo Carregando as Baterias



A poesia pode estar contida em outras manifestações artísticas e não apenas nos poemas. É o caso do filme de animação *Trocando as Baterias* (*Changing Batteries*), direção de Shu Gi, Casandra Ng, Hon JiaHui e Bahared Darvish (2013).

Assista ao vídeo, reflita e responda estas questões:

- 1- Você concorda que este filme pode ser considerado poético? Por quê?
- 2- Se você fosse indicar esse filme para alguém assistir, a quem o indicaria? Por quê?
- 3- De que maneira você explicaria o filme? Escreva um pequeno parágrafo, comentando-o e cuidando para não revelar o final.



FGM JAMU 2013

 Curtir  Comentar

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gNAPC6MitCE>

Texto 5: Vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 13 - Vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KEY66-osrkc>

Conforme informamos anteriormente, foi difícil escolher as atividades para postarmos na página do grupo em virtude da gama de textos que permeiam o mundo virtual. No momento da escolha, é essencial o professor ter preestabelecido o conteúdo que deseja trabalhar com seus alunos, caso contrário, despenderá de um tempo maior na preparação das atividades.

3.4 Procedimentos de Coleta dos Dados

Neste item apresentamos a coleta e análise dos dados no Grupo Secreto do *Facebook*, realizado com os discentes da pesquisa. Além de descrever e analisar as possibilidades que o *Facebook* disponibiliza para leitura de textos. As referidas análises tomaram por base os conceitos apresentados nos capítulos anteriores e dos objetivos propostos para essa pesquisa.

Como mencionamos na introdução, o objetivo desta pesquisa é analisar a possibilidade de utilizar no atual cenário educacional a rede social *Facebook* como uma ferramenta de ensino nas aulas de Língua Portuguesa e refletir sobre os

multiletramentos dos estudantes das Gerações Y e Z, pois os estudantes dessas gerações possuem habilidades de leitura e escrita no mundo virtual.

Utilizamos como Método de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa a abordagem de Telles (2002) como um estudo de caso, em que buscamos obter os resultados com base na análise qualitativa de investigação que analisa e descreve o fenômeno em sua forma complexa. Neste estudo de caso seguimos, em geral, uma metodologia de pesquisa-ação, conforme apontamos anteriormente.

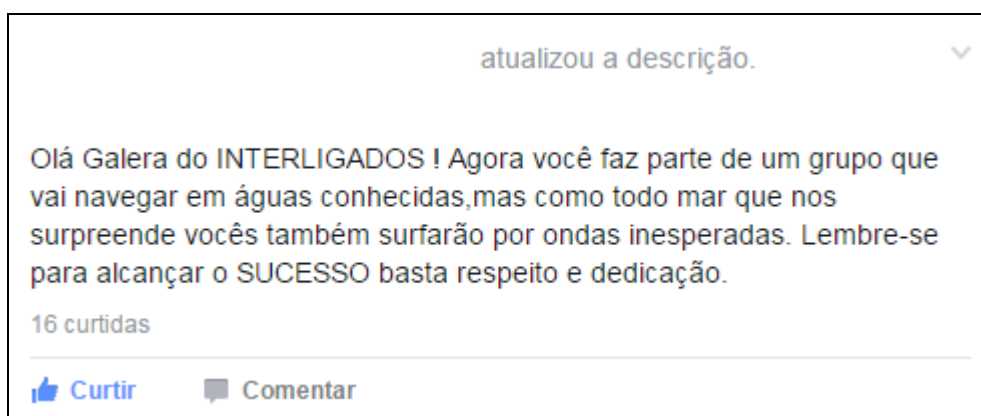
3.4.1 Aplicação das atividades

As atividades foram desenvolvidas durante quatro semanas no período de 02 a 27 de março de 2015, de acordo com as etapas propostas da pesquisa indicadas anteriormente.

Durante este período, os alunos tiveram uma aula semanal utilizando a Sala do Acesso e navegando no ambiente virtual da Rede Social utilizada para postagem das atividades.

A primeira postagem foi um texto motivacional de boas-vindas aos membros que iriam integrar o grupo secreto. No texto, buscamos deixar clara a importância de fazer parte do grupo e do respeito entre os membros. No momento da visualização estávamos na Sala do Acesso, os alunos gostaram do texto e comentaram sobre a linguagem utilizada, ressaltando os termos “navegar”, “surfear”, “águas conhecidas” e “ondas inesperadas” aproveitamos e falamos sobre linguagem metafórica e também sobre algumas palavras ou expressões técnicas usadas na Internet.

Figura 14 - Postagem de boas vindas no grupo do *Facebook*



Fonte: Grupo Interligados - Facebook

Durante esta aula, falamos sobre o adequado comportamento social no mundo virtual, que devemos ter a mesma postura de convivência e respeito às pessoas tanto no mundo real como no virtual, pois toda atitude leva a uma consequência, independente se estamos andando na rua, passeando no shopping ou simplesmente navegando na Internet.

Após discutirmos sobre o assunto, que foi muito enriquecedor, outras discussões e comentários surgiram, relacionados ao que cada um vivenciou e conhecia no mundo digital. Neste momento, alguns alunos falaram sobre prática de cyberbullying em razão de alguns conhecerem indivíduos que já passaram por esta agressão que ocorre pelos meios de comunicação virtual.

Como ouvimos e ponderamos com eles sobre esta prática que é muito recorrente entre os adolescentes e chega em alguns casos a ser cruel, não foi possível iniciarmos nesta data a atividade. Os alunos curtiram a saudação, e avisamos que, na sequência, seria postado um vídeo.

A primeira atividade postada foi o vídeo baixado pelo Canal do Livro, LivroClip de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O vídeo possui sons e imagens que lembram um game, tem uma abordagem que causa grande impacto e a intenção era despertar o interesse dos alunos.

A escolha deste vídeo foi em virtude da leitura do livro *Ciumento de Carteirinha* de Moacyr Scliar, que narra a história de um adolescente e de seus amigos e todo o universo do primeiro namoro e do ciúme. *Ciumento de Carteirinha* conta com a participação de alguns trechos do livro *Dom Casmurro*.

Figura 15 - Vídeo LivroClip de *Dom Casmurro*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAqg

O vídeo LivroClip possui sons e imagens que lembram um game, tem uma abordagem que causa grande impacto aos que assistem. O enunciado da atividade era "Vídeo imperdível. Assista e deixe um comentário". Os primeiros comentários ocorreram de maneira vaga por causa da comanda não estar bem estruturada. Como a última passagem do vídeo diz "E aí, Machado de Assis, traiu ou não traiu?". As respostas foram "traiu", "não traiu", "concordo" e outras conforme podem ser observadas na Figura 16.

Figura 16 - Conversas e Comentários no Grupo

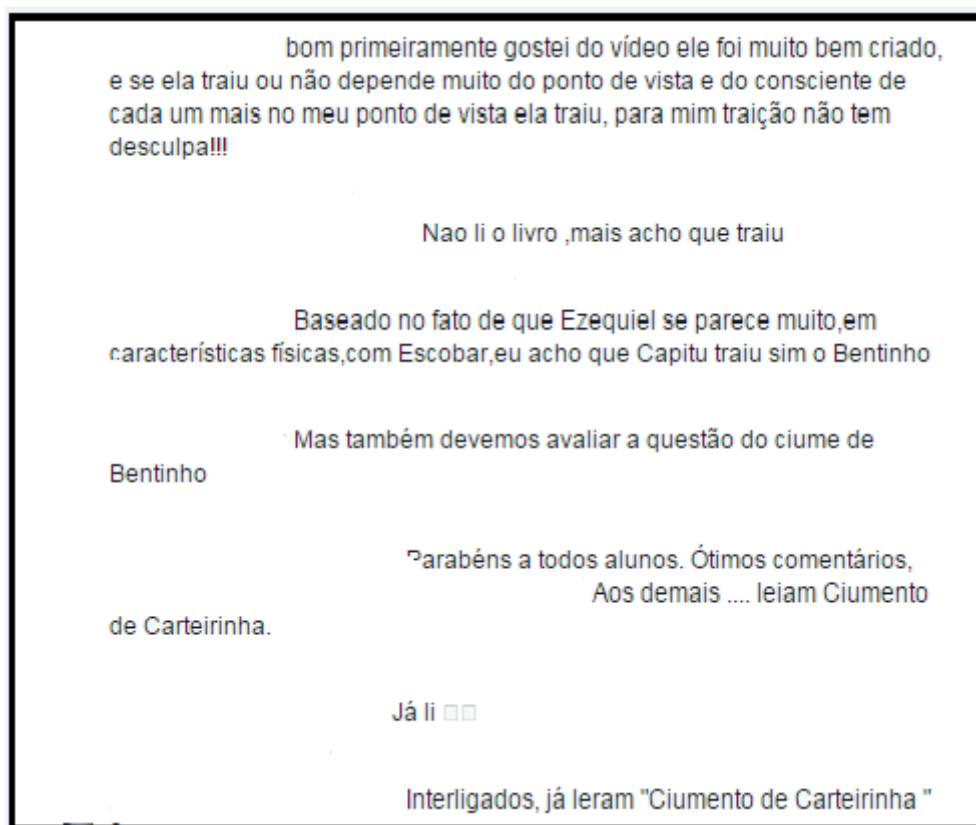


Fonte:A Autora

Neste momento, fizemos uma interferência “Moçada, comentem sobre o vídeo. Vocês conhecem a obra? Já leram o livro?” e nesta interferência encontramos o primeiro ponto positivo de trabalhar com as mídias na educação, pois o professor pode interagir de acordo com o que observa entre os participantes e, por meio de sua presença pedagógica virtual, pode nortear os alunos para, juntos, atingirem os resultados propostos.

Após a interferência, as respostas mudaram e os alunos começaram a comentar sobre o livro e até sobre alguns personagens do livro. Conforme podemos notar na Figura 17, em que fizemos outra interferência parabenizando os alunos que comentaram e chamando os outros a participar. Também fizemos a seguinte postagem “Interligados, já leram “Ciumento de Carteirinha?””, a fim de lembrá-los da leitura do livro.

Figura 17 - Conversas e Comentários no Grupo



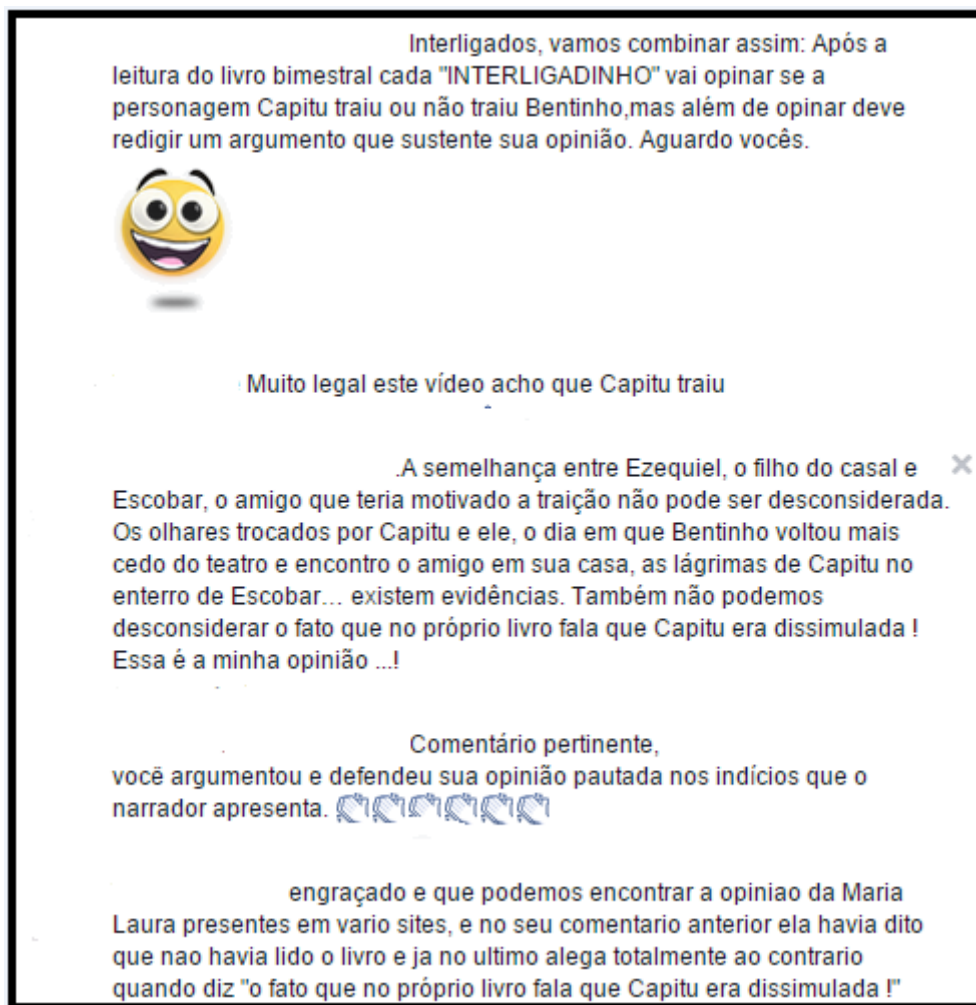
Fonte:A autora

Depois, os alunos comentaram que estavam lendo, outros já tinham acabado e alguns ainda não tinham começado, neste momento, fizemos outra postagem: “Interligados, vamos combinar assim: Após a leitura do livro bimestral cada „INTERLIGADINHO” vai opinar se a personagem Capitu traiu ou não traiu Bentinho, mas além de opinar deve redigir um argumento que sustente sua opinião. Aguardo vocês”. Esta postagem focou na abordagem para que eles comesçassem a utilizar a escrita para argumentar.

Neste momento, uma aluna trouxe um argumento relevante que, assim que foi visto, parabenizamo-la. Logo depois, um aluno opinou sobre o comentário da

aluna, disse que sua opinião estava em vários sites e que era diferente da que havia colocado anteriormente, conforme podemos observar na Figura 18. Esta postura demonstra que ocorre interação, ou seja, os alunos ficam atentos ao que os outros comentam.

Figura 18 - Conversas e Comentários no Grupo



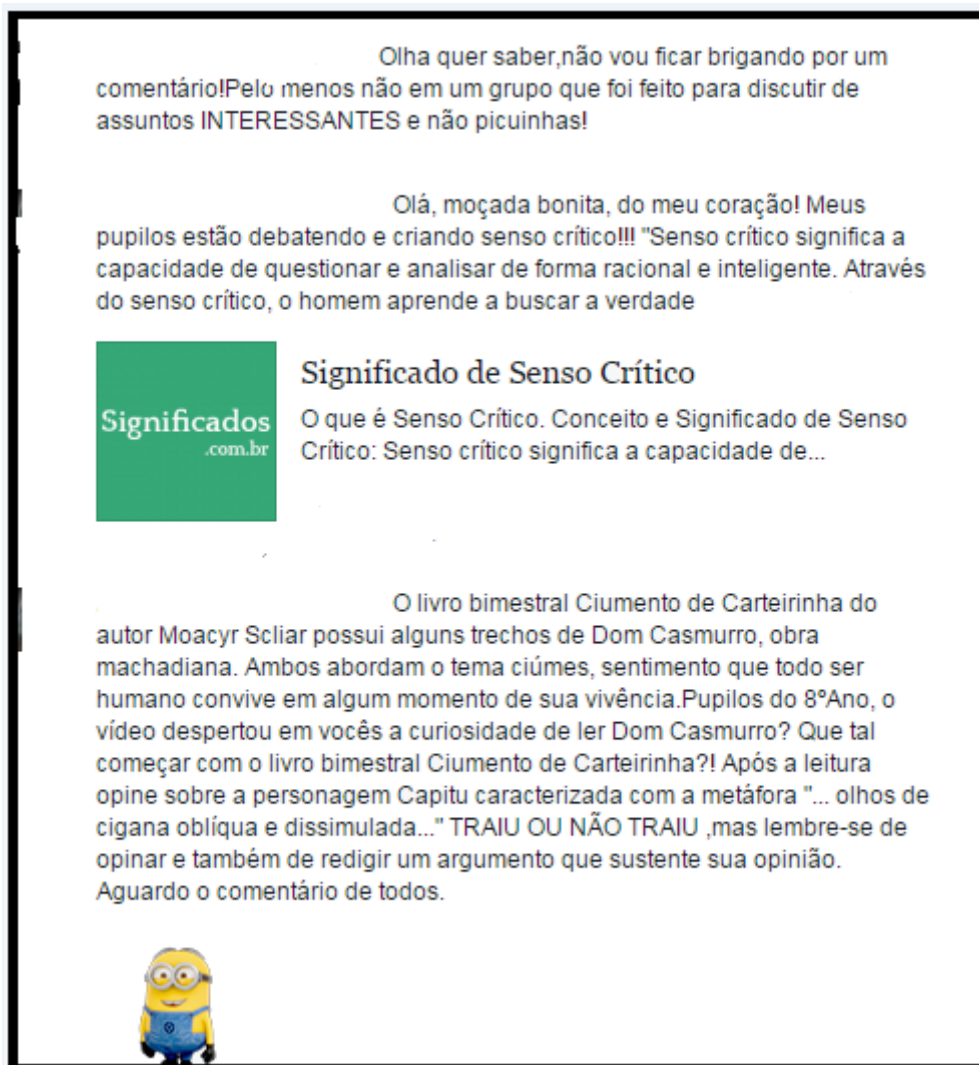
Fonte:A autora

Os comentários continuaram sobre a aluna ter copiado um argumento de uma página na Internet, mas a própria aluna postou um relato sobre o porquê do grupo e, neste momento, achamos importante intervir novamente para que a discussão não tomasse outro rumo.

Comentamos de uma maneira carinhosa que “os pupilos” estavam adquirindo senso crítico e, logo em seguida, postamos um link do significado da expressão. Esta postagem mostra como os alunos podem aumentar o vocabulário e, assim,

construírem conhecimento e, conseqüentemente, ampliarem o seu repertório. Numa atividade que fosse realizada de maneira tradicional tal abordagem não poderia ser realizada. Podemos constatar tal fato na Figura 19.

Figura 19 - Conversas e Comentários no Grupo



Fonte:A autora

As próximas postagens transcorreram de forma tranquila e, durante as aulas, comentamos sobre o ocorrido e esclarecemos os fatos para que entre os colegas não ficasse um sentimento negativo.

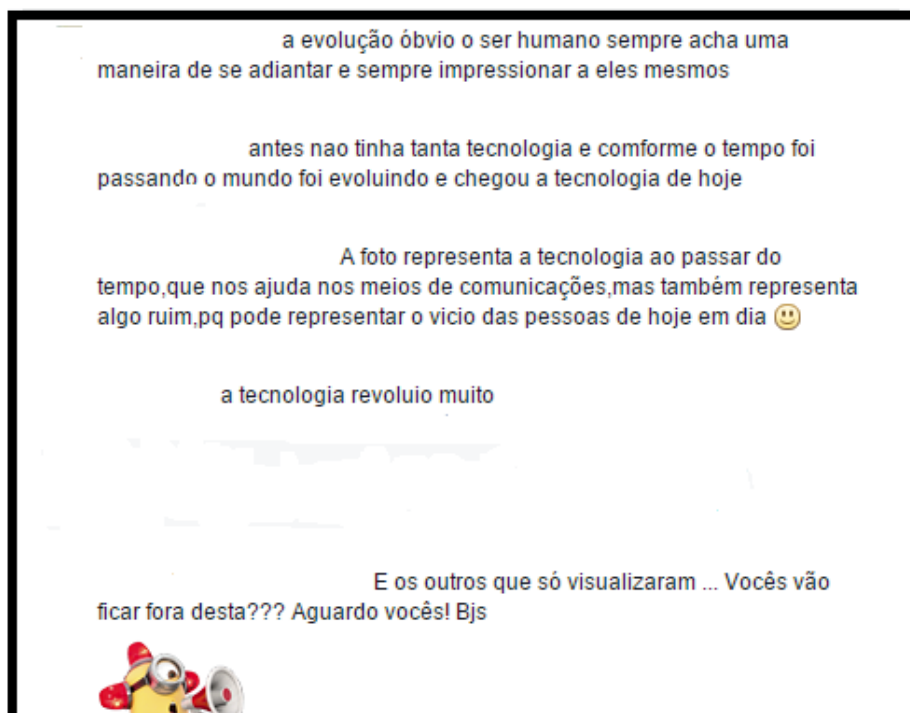
Na segunda semana, voltamos à Sala do Acesso, mas antes já tínhamos postado a segunda atividade que consistia em uma imagem sobre a evolução tecnológica do ser humano e da prática de leitura, cujo enunciado da Figura 20 pedia para observarem as imagens e opinarem sobre o assunto.

Figura 20 - Imagem Evolução Tecnológica e Humana



As postagens foram tranquilas, todos os alunos interpretaram o texto visual e a grande maioria relatou sobre a evolução do ser humano, sobre as mudanças que ocorreram na tecnologia e nos meios de comunicação. Como, neste momento, alguns alunos apenas visualizaram e não postaram comentários, colocamos uma chamada “E os outros que só visualizaram... Vocês vão ficar fora desta??? Aguardo vocês! Bjs”. Novamente, tivemos uma resposta positiva, os alunos comentaram e entre os relatos destacamos “A evolução da leitura junto com a tecnologia, facilitando os meios de leitura”, observamos, nesta atividade, que os alunos reconhecem as mudanças de maneira positiva e facilitadora no cotidiano.

Figura 21 - Conversas e Comentários no Grupo



Fonte:A autora

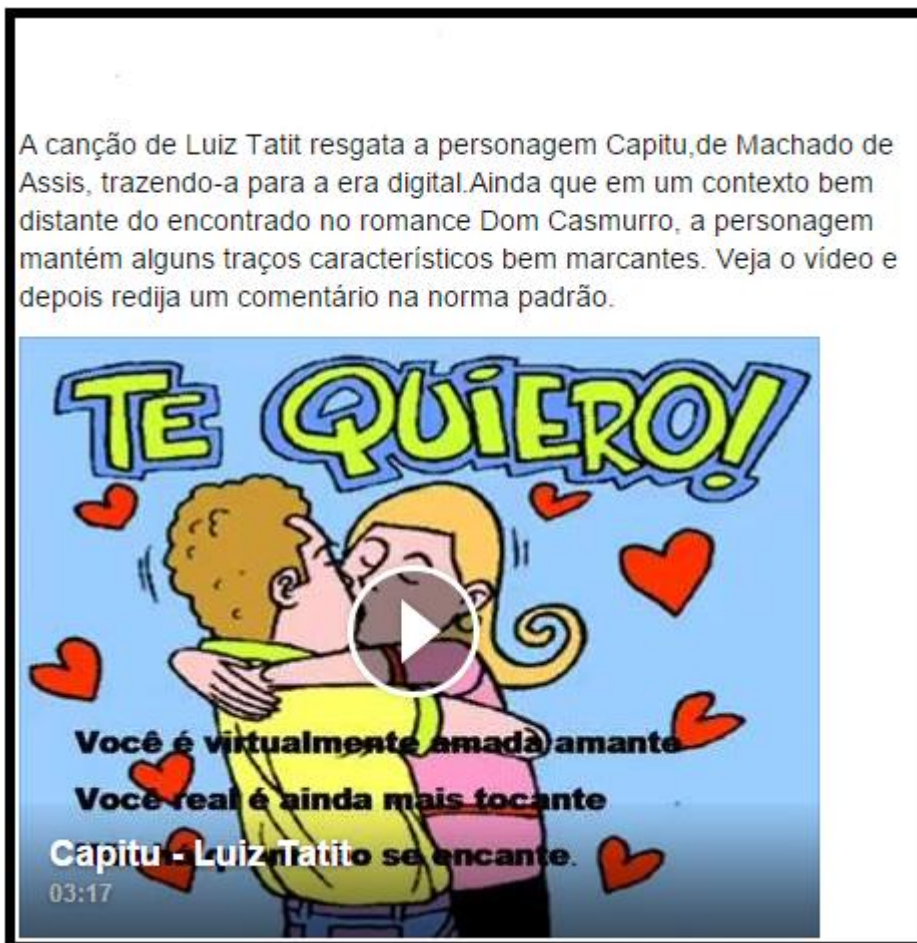
Comprovamos esta visão com a interação que observamos na postagem de um aluno, conforme a Figura 22. Nesta postagem podemos analisar o quanto é enriquecedora uma atividade que utiliza o mundo virtual, pois, mais que a resposta escrita, a postagem da imagem do aluno demonstra a aprendizagem e o letramento digital.

Figura 22 - Conversas e Comentários no Grupo



Fonte:A autora

Figura 23 - Vídeo da canção “Capitu” de Luiz Tatit



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5ghhkAMt84k>

Na terceira semana, postamos um vídeo da canção “Capitu”, de Luiz Tatit, que resgata a personagem de Machado de Assis. Os alunos apreciaram a música, discutiram os traços característicos da personagem que são relatados na música por meio de várias figuras de linguagem.

Para a próxima atividade não esperamos uma semana, pois a sala já estava agendada durante o horário que iríamos utilizá-la. Postamos o Vídeo Carregando as Baterias, Figura 24, e redigimos a seguinte instrução:

“A poesia pode estar contida em outras manifestações artísticas e não apenas nos poemas. É o caso do filme de animação Trocando as Baterias (Changing Batteries), direção de Shu Gi, Casandra Ng, Hon JiaHui e Bahared Darvish (2013). Assista ao vídeo, reflita e responda sobre estas questões:


- 1 - Você concorda que este filme pode ser considerado poético? Por quê?
- 2 - Se você fosse indicar esse filme para alguém assistir, a quem o indicaria? Por quê?
- 3 - De que maneira você explicaria o filme? Escreva um pequeno parágrafo, comentando-o e cuidando para não revelar o final.

Figura 24 - Vídeo Carregando as Baterias



A poesia pode estar contida em outras manifestações artísticas e não apenas nos poemas. É o caso do filme de animação *Trocando as Baterias* (*Changing Batteries*), direção de Shu Gi, Casandra Ng, Hon JiaHui e Bahared Darvish (2013).

Assista ao vídeo, reflita e responda estas questões:

- 1- Você concorda que este filme pode ser considerado poético? Por quê?
- 2- Se você fosse indicar esse filme para alguém assistir, a quem o indicaria? Por quê?
- 3- De que maneira você explicaria o filme? Escreva um pequeno parágrafo, comentando-o e cuidando para não revelar o final.



FGM MMU 2013

 Curtir  Comentar

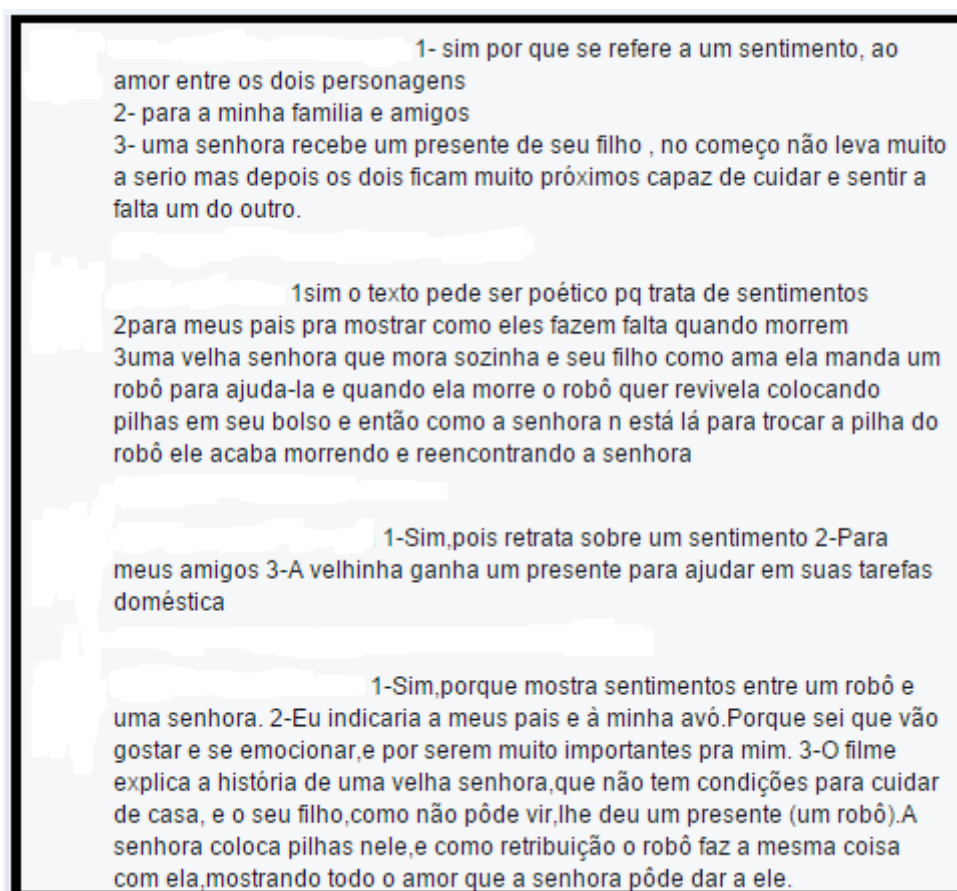
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gNAPC6MitCE>

O vídeo é uma animação da Malásia, que conta a história de uma idosa que vive sozinha até a chegada de um pequeno robô para ser seu amigo. O robô chega pelo correio e foi enviado pelo filho da senhora. Um vídeo para refletir sobre o poder

da amizade entre as pessoas e outros seres, mas também demonstra a simbologia universal da bateria como representação da força vital, da energia que nos mantém vivos.

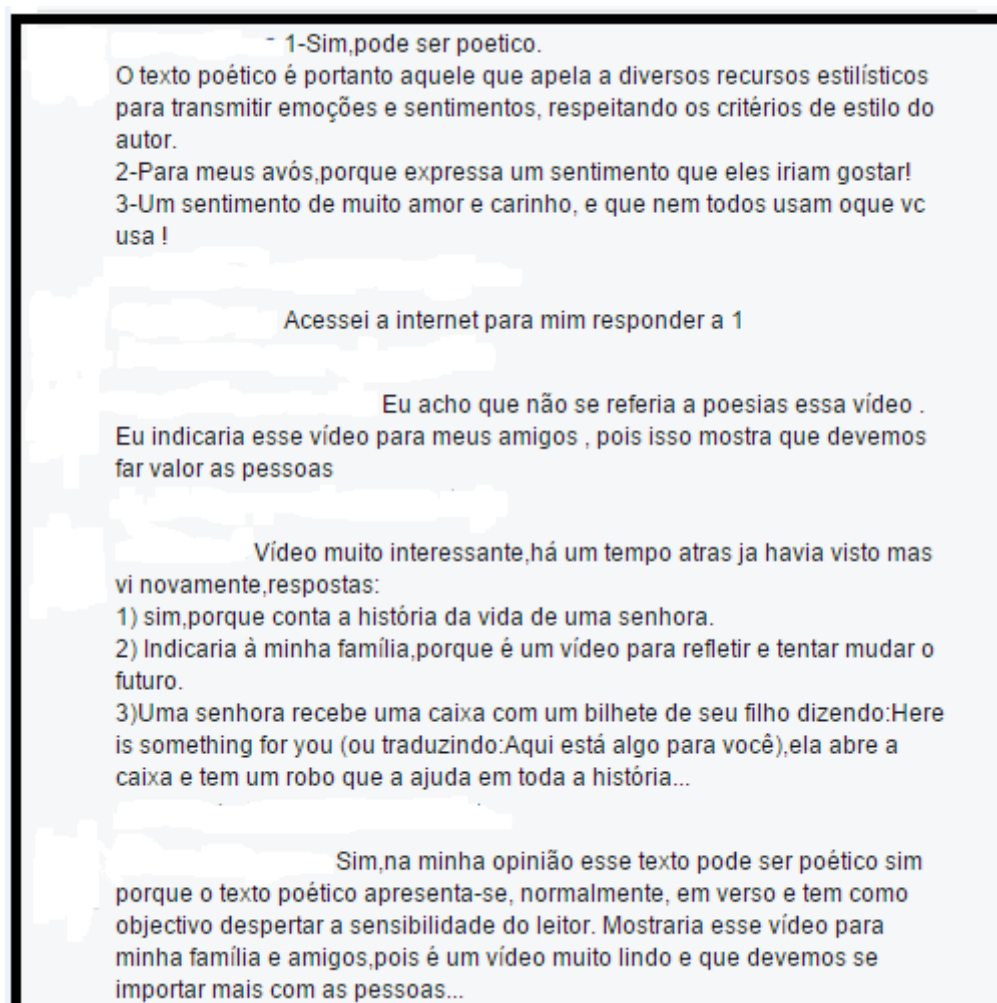
As postagens dos alunos demonstraram o entendimento da atividade conforme podemos observar pelos comentários que se encontram nas Figuras 25, 26, 27 e 28.

Figura 25 - Conversas e Comentários no Grupo



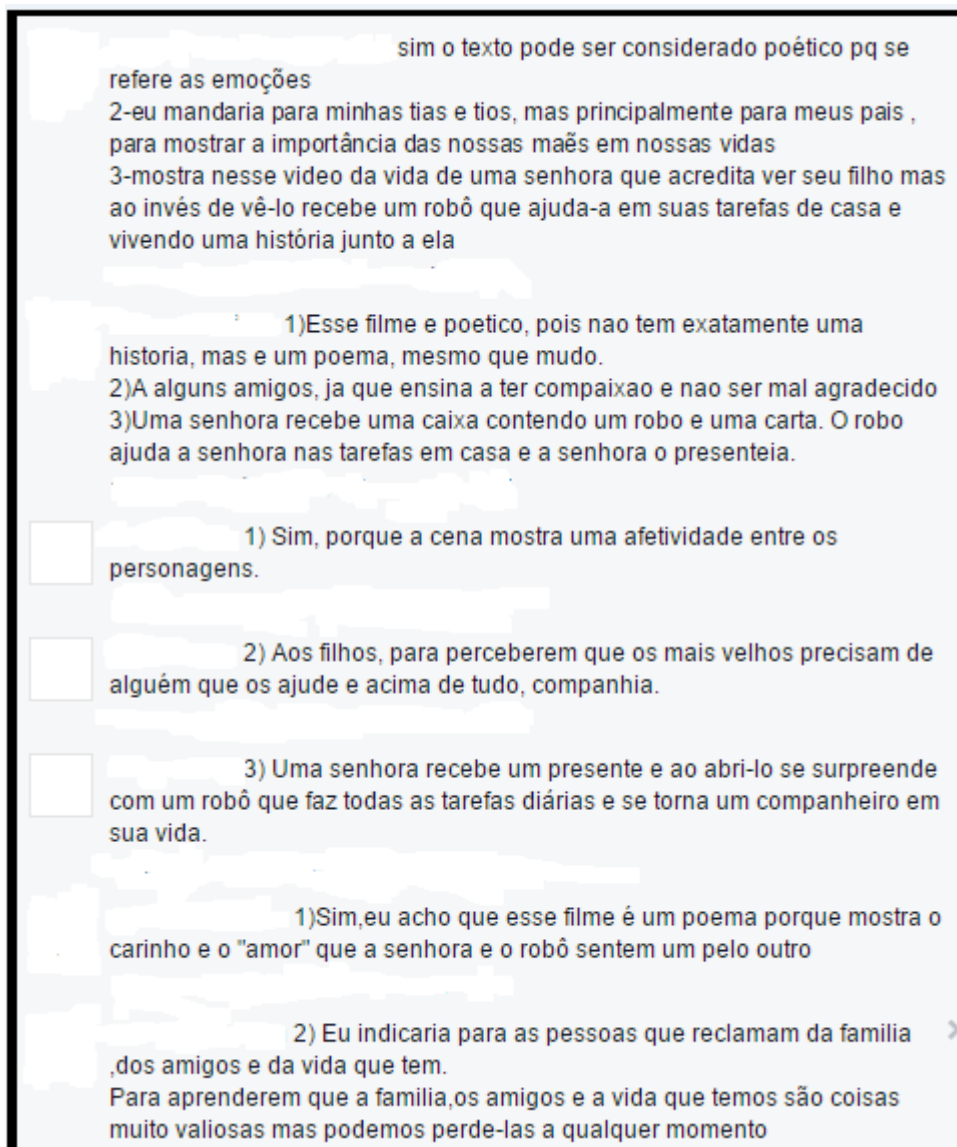
Fonte:A autora

Figura 26 - Conversas e Comentários no Grupo



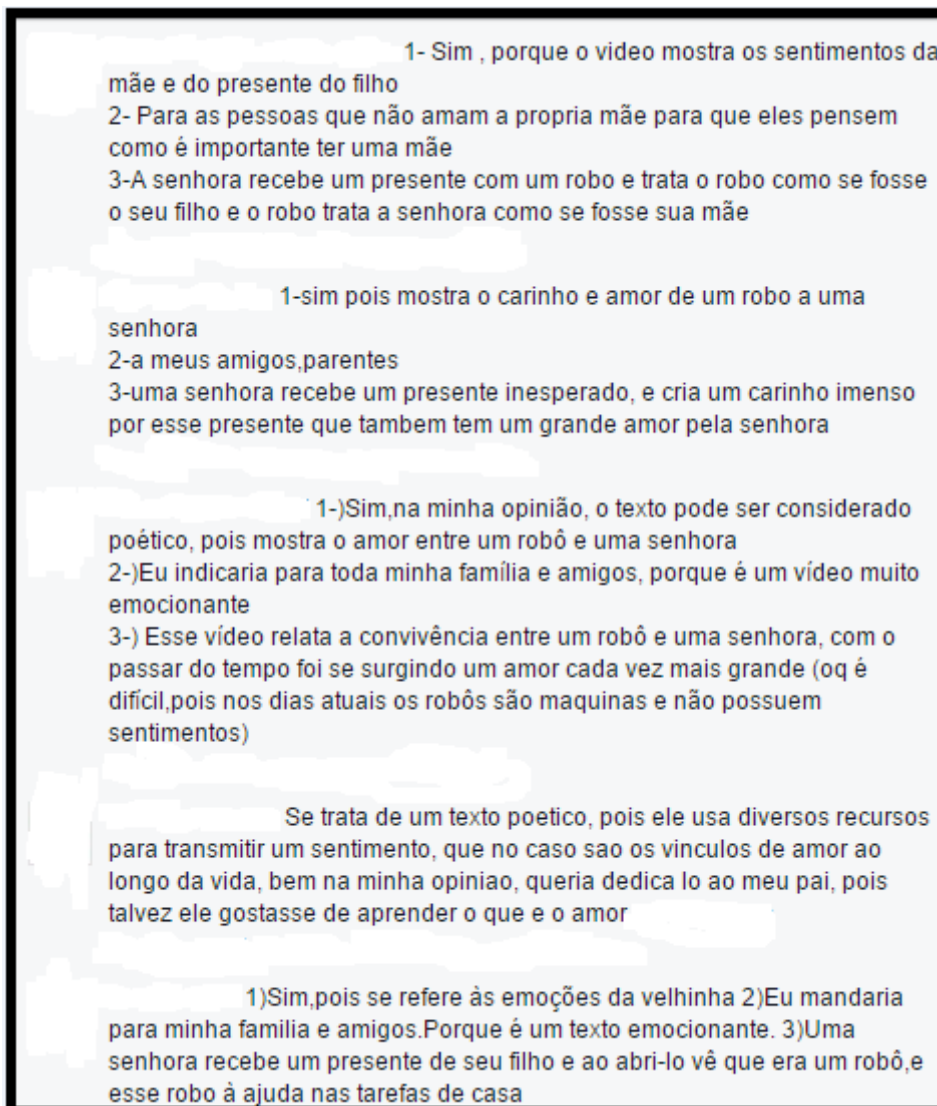
Fonte:A autora

Figura 27 - Conversas e Comentários no Grupo



Fonte:A autora

Figura 28 - Conversas e Comentários no Grupo



Fonte:A autora

Após as postagens, durante uma aula convencional, os alunos relataram que ficaram comovidos com a animação. Pensaram nos seus avós e em outros familiares e que muitas vezes não dão a atenção necessária às pessoas que fazem parte do convívio familiar. Foi uma aula em que discutimos oralmente sobre o assunto e, nem por isso, deixou de ser enriquecedora, pois muitos se emocionaram e disseram que mostraram para outras pessoas fora do contexto escolar. Isso foi comprovado durante a reunião bimestral, em que um responsável relatou que havia visto um vídeo “triste”, mas muito “bonito”.

Percebemos o quanto a atividade transgrediu o muro da escola e isto só foi possível em razão da tecnologia que utilizamos nesta atividade.

A última postagem foi o vídeo do poema “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade. Conforme demonstramos na Figura 29.

Figura 29 - Vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KEY66-osrkc>

Esta atividade era para ser realizada na Sala do Acesso e depois faríamos mais duas análises conforme as anteriores, mas, em virtude de uma visita técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), que constatou problemas na instalação de alguns computadores, a sala foi fechada para manutenção. Diante desta situação, elaboramos umas questões e levamos os alunos até a Sala de Vídeo para assistirem ao vídeo e responderem às questões. Alguns já tinham visto o vídeo durante o final de semana, em casa, no computador ou celular; outros ainda não haviam apreciado por motivos particulares.

A escolha da Sala de Vídeo foi relevante para a atividade, pois se trata de uma sala equipada com data show e telão, assim, este ambiente contribuiu com a atividade e não prejudicou a qualidade do áudio e da imagem do vídeo.

Reproduzimos duas vezes o vídeo e, depois, entregamos a folha de atividade (Apêndice D). Alguns alunos pediram se podiam assistir mais uma vez ao vídeo utilizando o celular, neste momento, perguntamos se todos estavam de acordo já que constatamos que outros alunos estavam sem o aparelho.

Os próprios alunos chegaram a um acordo, alguns assistiram em duplas e outros emprestaram o celular para o colega.

Nesta atividade, podemos afirmar, com base nas respostas dos alunos (Anexos A, B e C), que atingimos o objetivo, uma vez que foram redigidas de forma coerente em relação às perguntas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as atividades desenvolvidas, deparamo-nos com alguns obstáculos – como o calendário escolar; o cumprimento com as atividades do material pedagógico adotado pela escola; o olhar incomodado de algumas pessoas que observaram aulas sequenciais com a mesma turma e na Sala do Acesso –, pois muitos docentes ainda possuem a visão cristalizada da aula dentro da classe, com a lousa cheia e os alunos copiando em silêncio. Infelizmente, alguns docentes ainda têm a visão de que ir à Sala do Acesso é fazer uso do computador para dar uma “aulinha”, não admitem que é um recurso que torna as aulas mais estimulantes e diferenciadas. Mas não nos intimidamos diante dos percalços, pois tínhamos um objetivo e não desanimamos, nem mesmo quando a Sala de Informática foi fechada para manutenção.

É fundamental lembrar que os alunos de hoje são diferentes de nós, são diferentes dos alunos que nós fomos e não apenas no modo de se vestir e falar, mas, especialmente, na forma de pensar, que foi se modificando em razão das relações novas que se estabelecem entre eles e o mundo deles, que é nosso também.

A introdução de tecnologias modifica a relação com o texto, modifica a forma de aprender e pesquisar, pois a praticidade de utilizar as ferramentas digitais surgiu para diminuir empecilhos que impedem o progresso do indivíduo, melhorando seu desempenho com ferramentas eficazes, condicionando qualidade e agilidade, garantindo maior aplicabilidade durante uma pesquisa ou atividade de interpretação textual.

O uso das TIC modifica as relações entre os alunos e a escola, entre os alunos e professor. Não que o docente perca seu valor, nisto não acreditamos, mas que as tecnologias modificam sua função e sua mediação. O professor cria certas facilidades aumentando a autoestima dos alunos, além de permitir novos valores e poder verificar a dificuldade de aprendizagem, readaptando as atividades, ou seja, o professor, como mediador, tem papel significativo e deve buscar alternativas viáveis para eliminar ou amenizar o desinteresse dos alunos.

Não é relevante discutir se é melhor ou pior, travar essa discussão não trará benefícios, porque o que precisamos aceitar é repensar o ensino, repensar a escola e considerar as mudanças sociais, culturais, históricas.

Esta pesquisa trouxe uma reflexão e, em harmonia com os resultados, de acordo com Prensky, de “singularidade”, pois embora a relação de texto com imagem exista há séculos ela tem se intensificado e há necessidade de trazer para a escola essas novas demandas. Deve haver união entre os conhecimentos escolares já cristalizados com as novas tecnologias pelas quais nossos alunos, e nós também, beneficiamos a todos.

Se “os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado” e se o sistema educacional foi criado para eles, essa dessemelhança entre o velho sistema educacional, e a velha forma de fazer, e os alunos de hoje acaba comprometendo o ensino. Por isso, consideramos trabalhar com os Multiletramentos e o uso das TIC como algo muito positivo para dialogar com os alunos na escola, pois, por intermédio destas práticas, podemos potencializar o ensino, com o intuito de trazer as tecnologias para a sala de aula. Assim, de um ponto de vista bastante crítico e estimulante, conseguimos estimular a colaboração e o trabalho em equipe, contribuindo para que os alunos aprendam entre eles.

Quando presenciamos as atividades desenvolvidas, recordamo-nos da nobreza do nosso papel. O professor consciente de seu papel transformador, o professor ativo junto com os alunos, que também estão nesse movimento de sinergia. Também percebemos como o meio, a cultura e seus mediadores podem transformar o aprendizado. Como nos formamos por meio da linguagem (simbólica, cultural, histórica) faz-se necessário que haja um ambiente estimulador, instigante que ofereça ao aluno a possibilidade de experimentação.

Acreditamos no potencial das TIC na educação porque essas tecnologias podem favorecer o interesse mais genuíno do aluno, e estimulá-lo. Sabemos que certas práticas pedagógicas não dão certo, a repetição mecânica, atividades sem sentido ou função, porque os alunos ficam desinteressados e, conseqüentemente, entediados, e isso é um passo para a indisciplina e o baixo aprendizado. Porém, quando lhes oferecemos atividades envolventes, nas quais eles se percebem sujeitos pensantes, sujeitos potenciais, o cenário muda.

Nossa experiência reforçou e nos incentivou a pesquisarmos mais sobre a utilização das redes sociais na Internet e sua contribuição no processo de aprendizagem na educação básica. Percebemos que, além de um espaço de socialização, espaço já normalmente frequentado pelos discentes, os processos de aprendizagem acontecem, desde que sejam norteados pelo papel do professor.

Toda mudança ocorre em longo prazo, vale ressaltar, contudo, que o que deu certo no nosso contexto pode não dar certo em outro, porém, nosso trabalho deixa frutos, sementes, já que nenhum trabalho está finalizado.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Facebook | Mark Zuckerberg. **RS Web Interactive**, 25 fev. 2011. Disponível em: <<http://rswebmarketingdigital.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/#>>. Acesso em: 12 maio 2015.

ARQUIVOS de dispositivos móveis. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10102020398242521&set=a.529237706231.2034669.4&type=1&theater>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teóricos metodológicos. In: DIONÍZIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 37-46.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

CARMO, Josué G. Botura. **O letramento digital e a inclusão social**. fev. 2003. Disponível em: <<http://www.educacaoliteratura.com/index%2092.htm>>. Acesso em: 13 maio 2015.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1).

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília, jul. 2010. (Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf/>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DIONISIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila. **Genres and Multimedia Learning: some theoretical and methodological reflections on pedagogical application**. Recife, 2010. (Manuscrito).

ESTUDO da Cisco projeta aumento de 11 vezes no tráfego global de dados móveis de 2013 a 2018. **Cisco**. Disponível em: <<http://globalnewsroom.cisco.com/pt/br/press-releases/estudo-da-cisco-projeta-aumento-de-11-vezes-no-tra-nasdaq-csco-1088190>>. Acesso em: 17 maio 2015.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três textos que se completam. 3. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1986.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da praxis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

JEWITT, Carey (Ed.). **The routledge handbook of multimodal analysis**. New York: Routledge Press, 2009.

KLEIMAN, Ângela. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

KOPSCHITZ, Lúcia X. B.; MATTOS, Maria Augusta B. A Linguística Aplicada e a Linguística. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 22, p. 7-24, 1993.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010b.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010a.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 133-173.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na Educação**. 1997. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/>>. Acesso em: 07 dez. 2014.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 11-65.

_____. **Novos desafios na educação: a Internet na educação presencial e virtual**. 2001. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/>>. Acesso em: 07 dez. 2014.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina E. F. da Silva e Anne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PHILLIPS, Linda Fogg; DEREK BAIRD, M. A.; FOGG, B. J. **Facebook para Educadores**, 2011. Disponível em: <<http://www.sead.ufscar.br/outros/Facebook%20para%20Educadores>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

PORTAL BRASIL. **Parceria entre governo brasileiro e Facebook vai ampliar inclusão digital no País**. 10 abr. 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/04/dilma-e-zuckerberg-conversam-sobre-inclusao-digital-e-conectividade-no-panama>. Acesso em: 14 ago. 2015.

PRENSKY, Marc. Digital natives, Digital Immigrants. **On the Horizon (NCB) University Press**, v. 9, n. 5, oct. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/?page_id=10>. Acesso em: 23 out. 2013.

RECUERO, Raquel da C. Comunidades virtuais: Uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, V., 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC-RS, 2002. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa, 1996. (Colección Límites de La Ciencia).

ROJO, Roxane. Cenários futuros para as escolas. In: **EDUCAÇÃO no Século XXI**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. v. 3, p. 19-22. Disponível em: <<http://www.ead.unb.br/arquivos/livros/multiletramentos.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2012a.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012b.

SANTOS, Jair. F. dos. **O que é pós-moderno**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SECRETÁRIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2015

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Letramento**: um tema de três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: 1998.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

STRAUSS, William; HOWE, Neil. **A teoria geracional**, 1991. Disponível em: <<http://www.cranberryabc.com/wp-content/uploads/2014/11/Cranberry-CBT-Teoria-Geracional-Strauss-Howe.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2014.

TELLES, João A. “È Pesquisa? Ah, não quero não bem!” **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.

TRIPP, David. **Action research**: a methodological introduction. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009>. Acesso em: 17 nov. 2013.

VEEN, Wim.; VRAKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Tradução de de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A - Autorização e existência de infraestrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Diretoria de Ensino – Região de Catanduva
E.E. BARÃO DO RIO BRANCO
Praça Roosevelt, 143 – Centro – Catanduva / S.P.
Cep: 15.801-185 – Fone: (17) 3522-2390 – Fax: 3522-2704
e-mail: e026670a@see.sp.gov.br



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.

Eu, Maria Solange Vieira Carvalho -Diretor de Escola da EE.BARÃO DO RIO BRANCO-, autorizo a realização da pesquisa "Cibereducação: uma proposta metodológica para o letramento digital" nesta instituição, sob a responsabilidade da pesquisadora Regiceli Bento de Almeida Farizato.

Informo que o local dispõe de infraestrutura necessária e que esta será disponibilizada ao pesquisador para atendimento ao projeto, bem como para atender eventuais problemas dela resultantes, atendendo plenamente o Regimento do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis e normas complementares ao mesmo.

Catanduva, 29 de maio de 2014.

MARIA SOLANGE VIEIRA CARVALHO

RG.7.639.868-7

CPF-026.374.348-99

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **CIBEREDUCAÇÃO: uma proposta metodológica para o letramento digital**, a qual está sendo desenvolvida pela pesquisadora Regiceli Bento de Almeida Farizato, aluna do curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Câmpus de Assis, sob a orientação da Dra. Maria do Rosário Gomes Lima da Silva.

Essa pesquisa tem o objetivo de aproveitar das habilidades e do interesse que os alunos da Educação Básica possuem com as mídias digitais pesquisando e buscando a renovação de estratégias pedagógicas que possibilitem a melhoria o desenvolvimento da competência da leitura e da escrita dos alunos da Educação Básica.

A participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa consiste na realização de atividades de leitura e escrita na sala de informática da escola e também nos dispositivos móveis ,celular ou tablet, caso ele possua. As atividades previstas durarão quatro semanas que irão do período de 02/03/2015 a 27/03/2015. Uma pesquisa desta natureza pode apresentar riscos mínimos, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc.

Para que não ocorra nenhum tipo de desconforto ou constrangimento com seu (sua) filho (a) durante a pesquisa , antes de iniciar as atividades a pesquisadora fará uma reunião com os alunos e informara que em nenhum momento poderá existir situações de desconforto ou constrangimento entre os participantes, caso ocorra algum tipo de comentário ou declaração que possa proporcionar algum desconforto entre os participantes, a declaração será excluída, já que a pesquisadora também administra o grupo. Também serão tomadas medidas para minimizar os riscos como as instruções claras e objetivas nas comandas das atividades que não deixarão aberturas para que situação de menosprezo entre os participantes ocorra.

Seu(sua) filho(a) terá o direito de desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento, em qualquer fase da mesma, sem penalização alguma e sem necessidade de

dar explicações. Terá também garantido o direito de anonimato na publicação dos dados, assim como o direito ao acesso ao texto integral produzido pela pesquisadora. Ele(a) não será pago(a) para participar da referida pesquisa, nem receberá nenhum benefício de ordem monetária.

Pesquisadora: Regiceli Bento de Almeida Farizato

Email regiceli.7@hotmail.com

Endereço: Rua Atilio Busnardo, 65 – Pindorama – SP

Telefone: (17) 98141-0673

(Assinatura da pesquisadora)

Declaro que entendi os objetivos e a importância da participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa e concordo com que ele(a) participe da mesma.

Catanduva, _____.

(Assinatura do responsável)

DADOS DO PARTICIPANTE	
Nome:	
Data de nascimento:	
Telefone para contato:	
E-mail:	

APÊNDICE C - Termo de assentimento



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



TERMO DE ASSENTIMENTO

(Adolescentes maiores de 12 anos e menores de 18 anos)

Título do Projeto: Cibereducação: uma proposta metodológica para o letramento digital

Pesquisador responsável: Regieli Bento de Almeida Farizato

Local da Pesquisa: E.E. BARÃO DO RIO BRANCO

Endereço: Praça Roosevelt, 143 - Centro – Catanduva- SP

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **CIBEREDUCAÇÃO: uma proposta metodológica para o letramento digital**. Nesta pesquisa pretendemos aproveitar a habilidade e o interesse que você possui com as redes sociais, especificamente o Facebook, e assim buscar a renovação de estratégias pedagógicas que possibilitem a melhoria e o desenvolvimento de sua competência leitora e escritora, possibilitando o letramento digital e a sua formação de estudante multiletrados para que possa participar de forma ativa da sociedade em que se encontra inserido.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): As atividades de leitura e escrita utilizaram o Facebook como ambiente virtual de aprendizagem e será organizada da seguinte forma: a) Abertura de conta no Facebook, caso você não tenha; b) Criação de um grupo secreto, no qual apenas os membros do grupo possam visualizar o grupo, os participantes e as publicações; c) Convite e adição dos alunos da sala para seguir a página do grupo.

Você terá uma aula semanal no ambiente virtual e realizará atividades de leitura e de escrita com os diversos gêneros textuais/digitais que permeiam o mundo digital buscando assim a integração efetiva do letramento impresso (inclusive o literário) e o letramento digital.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Catanduva, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE D - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade

Após assistir ao vídeo do poema *Eu, Etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade, responda as questões seguintes.

A) Porque o eu lírico, a voz que fala no poema, se transforma em “*coisa, coisamente*”?

B) O que podemos fazer para não nos tornarmos uma *COISA*?

C) Em que momento o ritmo do poema ficou mais acelerado? O que isso pode sugerir?

D) Escreva a respeito da interferência da moda e do consumo na identidade das pessoas. (*mínimo 5 linhas*)

ANEXO A - Verbetes multimodalidade

Multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar que entende a comunicação e a representação como envolvendo mais que a língua. Os estudos nesse campo têm se desenvolvido nas últimas décadas de modo a tratar sistematicamente de questões muito discutidas sobre as mudanças na sociedade, por exemplo, em relação às novas mídias e tecnologias. Abordagens multimodais têm proposto conceitos, métodos e perspectivas de trabalho para a coleção e análise de aspectos visuais, auditivos, corporificados espaciais da interação e dos ambientes, bem como da relação entre os mesmos.

Três pressupostos teóricos interconectados estão subjacentes à multimodalidade.

Primeiro, a multimodalidade pressupõe que a representação e a comunicação sempre se baseiam em uma multiplicidade de modos, todos contribuindo para o significado. Ela se concentra na análise e descrição do repertório completo de recursos geradores de sentido usados pelas pessoas (recursos visuais, falados, gestuais, escritos, tridimensionais, entre outros, dependendo do domínio da representação) em diferentes contextos, e no desenvolvimento de meios que mostram como esses são organizados

Em segundo lugar, a multimodalidade pressupõe que os recursos são socialmente modelados através do tempo para se tornarem

geradores de sentido, os quais articulam os significados (sociais, individuais/afetivos) exigidos pelos requerimentos de diversas comunidades. Esses grupos organizados de recursos semióticos para geração de sentido são chamados de *modos*, os quais realizam tarefas comunicativas de modos diferentes – o que torna a escolha de modo um aspecto central da interação e do significado. À medida que grupos de recursos são usados na vida social de uma dada comunidade, mais completa e finamente articulados eles se tornarão. Para que algo “seja um modo” há necessidade de um senso cultural compartilhado em uma comunidade de recursos e como esses podem ser organizados para realizar significados.

Finalmente, a multimodalidade pressupõe pessoas orquestrando o sentido através de uma seleção e configuração particular de modos, enfatizando a importância da interação entre modos. Portanto, todo ato comunicativo é modelado pelas normas e regras operando no momento de produção do signo, influenciado pelas motivações e interesses das pessoas em contextos sociais específicos.

A pesquisa multimodal até o presente pode ser classificada de acordo com quatro principais pontos de concentração:

1) A descrição sistemática de modos e seus recursos semióticos.

2) A investigação multimodal da interpretação e interação com ambientes digitais específicos.

3) A identificação e desenvolvimento de novos recursos semióticos digitais e novos usos de recursos já existentes nos ambientes digitais; e

4) A contribuição para pesquisa de métodos para a coleta e análise de dados digitais e ambientes dentro da pesquisa social.

Há um debate considerável quanto à multimodalidade ser considerada uma teoria, de fato, ou se é mais apropriado vê-la como um método. Comparada à etnografia, é possível defender que a multimodalidade pode atuar como uma teoria, perspectiva ou método, e que esses diferentes graus de comprometimento com a multimodalidade ajudam a fazer sentido daquilo que pode ser visto como multimodal

ANEXO B - Atividade do vídeo do poema "Eu, Etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade (Aluno I)

Após assistir ao vídeo do poema Eu, Etiqueta de Carlos Drummond de Andrade, responda as questões seguintes.

- A) Porque o eu lírico, a voz que fala no poema, se transforma em "coisa, coisa"?

Porque o eu lírico via um antigo in-
ausível.

- B) O que podemos fazer para não nos tornarmos uma COISA?

Podemos ser nós mesmos, sem depender
dos regimes de moda, das marcas e propagandas.

- C) Em que momento o ritmo do poema ficou mais acelerado? O que isso pode sugerir?

Quando o eu lírico fala sobre seu
tempo e seus antigos pessoais.
Sugere que em tudo está presente a questão
da moda.

- D) Escreva a respeito da interferência da moda e do consumo na identidade das pessoas. (mínimo 5 linhas)

A moda e o consumismo transformam
as pessoas em marionetes, fazendo com
que deixem de agir por sua própria
ventosela e passe a agir por um
padrão imposto por moda e propagandas
onde se perde a verdadeira presença
de seu síncrono nos escolhas. Assim a
moda de não da pessoa passa a ser
orientada por aumento do consumo,
por razões simbólicas da moda propagar
que estar na moda é ser consumista.

ANEXO C - Atividade do vídeo do poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade (Aluno II)

Após assistir ao vídeo do poema Eu, Etiqueta de Carlos Drummond de Andrade, responda as questões seguintes.

A) Porque o eu lírico, a voz que fala no poema, se transforma em “coisa, coisa”?

*Porque o eu lírico como tal, a realidade se dá
influência por cada coisa, cada coisa, e
cada peça da moda e marca que influencia um
produto que foi criado pela realidade.*

B) O que podemos fazer para não nos tornarmos uma COISA?

*Podemos fazer coisas diferentes
e podemos fazer coisas diferentes
maneira que não nos tornamos
coisas, coisas e coisas diferentes.*

C) Em que momento o ritmo do poema ficou mais acelerado? O que isso pode sugerir?

*O poema se torna acelerado no momento
em que o eu lírico sugere os produtos
e marcas de coisas a realidade se
torna uma “coisa”, como marca de coisa, produto, ou
tornando-se uma mercadoria de produtos.*

D) Escreva a respeito da interferência da moda e do consumo na identidade das pessoas. (mínimo 5 linhas)

*Desde a interferência dos produtos, a
moda e consumo em que o indivíduo
de maneira que não nos tornamos
coisas, coisas, coisas, coisas, coisas
mercadorias, produtos, produtos
em toda a moda, está no modo.*

ANEXO D - Atividade do vídeo do poema "Eu, Etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade (Aluno III)

Após assistir ao vídeo do poema Eu, Etiqueta de Carlos Drummond de Andrade, responda as questões seguintes.

- A) Porque o eu lírico, a voz que fala no poema, se transforma em "coisa, coisa"?

Porque o eu lírico está se referindo à qualquer marca e produtos de eletrônicos, roupas, máquinas industriais, etc. Eles os deixam os levar por meio de propagandas, mesmo sem querer usar o produto e obrigado à fazer a propaganda do produto e marcas de moda.

- B) O que podemos fazer para não nos tornarmos uma COISA?

Ter opinião própria, usufruir de seu próprio gosto, ter e fazer suas próprias vontades.

- C) Em que momento o ritmo do poema ficou mais acelerado? O que isso pode sugerir?

Quando o eu lírico refere-se que nosso corpo está coberto da cabeça aos pés com esses tipos de produtos do mercado, assim tornando-se escravo deles.

- D) Escreva a respeito da interferência da moda e do consumo na identidade das pessoas. (mínimo 5 linhas).

A moda interfere muito no dia a dia das pessoas, por meio de propagandas de roupas, produtos de beleza, bens materiais, etc. Com isso as pessoas interferem na identidade, muitas vezes não se vestem de acordo com o gosto para vestir uma roupa em que está na moda.